

NEM: NEGAÇÃO/ADIÇÃO/ARGUMENTAÇÃO

Liliane Moreira Santos

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Liliane Moreira

Santos
e aprovada pela Comissão Julgadora em
21 / 12 / 1990.

Prof. Dr. RODOLFO ILARI
ORIENT.

Dissertação apresentada ao
Departamento de Linguística do Insti-
tuto de Estudos da Linguagem da Uni-
versidade Estadual de Campinas, como
requisito parcial para obtenção do tí-
tulo de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Rodolfo Ilari, 1990

Campinas, dezembro/1990

Sa58n

13138/BC

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

Para o Marcus

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer às seguintes pessoas e instituições, por terem contribuído para que meu trabalho pudesse ser realizado:

- ao meu orientador, Professor Rodolfo Ilari, "pela orientação precisa e segura", como sempre se diz, mas sobretudo pela orientação exigente, e pelo respeito e admiração que lhe devo, como linguísta, como professor e, principalmente, como amigo que se tornou durante a nossa convivência;

- ao Professor João Wanderley Geraldi, a quem muito devo: por ter me apresentado à Semântica Argumentativa, ao nem, ao Mestrado e ao Ilari; e, mais do que tudo, por ter se revelado amigo e incentivador incondicional;

- ao Projeto NURC, representado pela pessoa do Professor Ataliba Teixeira de Castilho, por ter me permitido o acesso a seu banco de dados (transcrições e gravações);

- ao CEDAE (Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio), do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, sob cuja guarda se encontra o material por mim consultado, e a seus funcionários - Luis Carlos Pereira Nunes, Silvana Godoi e Vânia Regina Personeni - pela presteza e gentileza no atendimento e também, é claro, pelo bate-papo nos momentos em que o trabalho se tornava pesado ou cansativo;

- aos membros da Banca de meu Exame de Qualificação, Professor Rodolfo Ilari, Professora Ingedore G. V. Koch e Professor Sírio Possenti, pelas observações valiosas, que possibilitaram transformar um projeto numa dissertação de fato;

- aos funcionários da Biblioteca do IEL - Ana Maria, Cidinha, Deise, Elza, Haroldo, Irma, Lecy, Rosária e Teresinha - que

além de me ajudarem com os livros, acabaram por se tornar grandes amigos;

- ao CNPq, por ter financiado parte de meus estudos (de março/1987 a setembro/1989);

- finalmente, à minha família, principalmente por ter suportado com bom humor a "bagunça" que a redação de uma dissertação traz à vida e à casa de quem a redige.

RESUMO

Esta dissertação tem como objeto de interesse o comportamento semântico do operador nem. Esse item é estudado segundo a hipótese inicial de que se trata de um operador argumentativo. É em busca da confirmação dessa hipótese primeira que fazemos todo o nosso percurso, passando por condicionais, hipotéticas, concessivas, conclusivas, pela retificação, pela comparação, pela exclusão de alternativas, pelas expressões negativas polares, tendo antes passado pelos operadores até, mesmo, sequer, quase e tampouco, além de muitas outras noções - sem nos esquecermos da negação, evidentemente.

Acreditamos ter atingido nosso objetivo: mostrar que nem é um operador de argumentação e, mais do que isto, qual é o seu papel no interior de uma tal teoria.

O exame do comportamento do operador em questão, em um grande número de contextos (ainda que esse exame não seja sempre aprofundado), mais do que confirmar a análise, vem nos revelar a necessidade de rever vários dos conceitos que estão envolvidos na análise de vários contextos de que nem toma parte.

Naturalmente, deixamos várias questões em aberto - "naturalmente" porque, como em toda parte, na Linguística também não existem questões fechadas.

íNDICE

Introdução.....	01
Capítulo I: NEM: Operador Argumentativo.....	07
1.1 Comparação com ATÉ.....	07
1.2 Combinação com MESMO.....	10
1.3 NEM/E NEM: Adição e Argumentação.....	15
1.4 Topicalização & Articulação Tema-Rema.....	17
Capítulo II: NEM E OUTROS OPERADORES.....	23
2.1 MESMO, SEQUER e TAMPOUCO.....	23
2.2 QUASE.....	34
Capítulo III: NEM E OUTRAS OPERAÇÕES.....	45
3.1 Negação de Condição ou Hipótese.....	45
3.2 Concessão.....	53
3.3 Condicionais e Concessivas.....	56
3.4 Negação de Relação Conclusiva.....	60
3.5 Retificação.....	64
3.6 Comparação.....	68
3.7 Exclusão de Alternativas.....	72
3.8 Locuções Negativas Polares.....	76
3.9 NEM e a Negação: Questões sobre escopo.....	78
Conclusão.....	82
Referências Bibliográficas.....	88

0 - INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende ser um estudo do funcionamento semântico do operador nem - ou, em outras palavras, da contribuição que esse item traz para o significado dos enunciados nos quais ocorre¹.

Esse estudo é consequência de uma aproximação intuitiva entre nem e até, em contextos como os exemplificados abaixo:

(1) Até Pedro foi à festa

(2) Nem João foi à festa

No primeiro enunciado, como se sabe, as análises semântico-argumentativas têm mostrado que "a vinda de Pedro à festa" é apresentada pelo locutor como um argumento mais forte do que "a vinda de outras pessoas à festa", com a finalidade de conduzir a argumentação a uma conclusão favorável ao "sucesso da festa". No segundo enunciado, o movimento argumentativo vai em sentido contrário: "a 'não vinda' de João à festa" é apresentada pelo locutor como um argumento mais forte do que "a 'não vinda' de outras pessoas", com o objetivo de conduzir a argumentação a uma conclusão favorável ao "insucesso da festa".

1 Há um uso de nem, afirmativo, de que não trataremos ao longo deste trabalho. Trata-se do uso desse operador como resposta a sentenças interrogativas do tipo sim/não (as quais, segundo Perini (1985:43), "se interpreta inequivocamente como contendo o ingrediente semântico solicitação de valor de verdade (abreviadamente, SVV)". Um exemplo de tal ocorrência é o diálogo abaixo, retirado da revista Cebolinha (Ed. Globo, S. Paulo, Junho 1990, nº 42, p.14):

(a) (D. Maria Cebola) - Vejo que vocês estão se dando muito bem! Divertiram-se?

(Cebolinha) - Ô! Nem!

Percebemos que aquele que responde à pergunta utiliza, com sentido afirmativo, um operador negativo - conforme veremos ao longo deste trabalho. Mais do que o sentido afirmativo, encontramos em exemplos desse tipo o que podemos chamar de afirmação enfática. Compare-se (a) com (b):

(b) A - Vejo que vocês estão se dando muito bem. Divertiram-se?

B - Claro que sim!

Supondo que (b) é uma boa paráfrase de (a), vemos que não se trata, em resposta desse tipo, de simples concordância ou aquiescência. Dissemos que tais ocorrências podem ser chamadas de afirmativas

Foi em função desta primeira aproximação que fizemos a hipótese de que nem é um operador argumentativo. A partir desta suposição, procuramos fazer um levantamento de enunciados em que esse operador aparecesse. Nossa intenção era ver se se confirmava tal hipótese.

Utilizamos, para esse levantamento, o material do Projeto NURC relativo aos inquéritos de São Paulo: inicialmente, o material publicado (Castilho & Preti: 1986 e 1987; Preti & Urbano: 1988), ao qual acrescentamos dados coletados junto ao material já transcrito mas ainda não publicado. A intenção do levantamento não era a análise das ocorrências em si, mas a busca de diferentes contextos de uso da expressão em estudo. Tal levantamento nos mostrou que nem aparece em diferentes contextos, além daquele apontado pelo exemplo (2):

A. ocorrendo junto a outros operadores:

(3) "se eu fosse ter uma posição aí no caso... não seria ... nem sequer a de equilíbrio ... entende?" (NURC/SP - EF/66:119)

(4) "aqui... por exemplo... para as artes plásticas:: ... pintura e escultura... não há nem mesmo ahn::... ateliers" (NURC/SP - DID/214:195)

enfáticas porque o locutor, ao utilizá-las, não apenas responde afirmativamente à pergunta feita (ou concorda com o que lhe foi dito), como também deixa claro que sua resposta significa "mais do que um simples sim".

Um modo de explicar tais ocorrências pode ser encontrado na própria pergunta: como se trata de perguntas cuja resposta deve - ao menos em princípio - ser escolhida entre um sim e um não, acreditamos que nem responde afirmativamente à pergunta por negar a possibilidade de uma resposta negativa, isto é, ao responder a uma pergunta sim/não com uma afirmativa enfática, o locutor está afastando, com vigor, qualquer possibilidade de uma resposta negativa. Indo um pouco mais longe, podemos, mesmo, dizer que esse tipo de resposta incide sobre o próprio ato de perguntar, pela razão de que uma afirmativa enfática questiona a razão de a pergunta ter sido feita - isto porque a pergunta já contém em si mesma, como alternativa, a possibilidade de uma resposta negativa (que, como dissemos, é o que se deseja afastar, para além de qualquer dúvida). Desse modo, podemos dizer que tais respostas incidem muito mais sobre as motivações que levaram à formulação da pergunta do que sobre seu conteúdo proposicional.

Podemos concluir, então, que aquilo que nem está negando, nesses casos, são as razões para que se introduza a possibilidade de uma resposta negativa: negar as razões para evocar a possibilidade de uma resposta negativa é um movimento mais bem realizado por um elemento negativo que seja, em algum

B. combinando-se com outros itens:

(5) "era aquela tal história... que nem... "não é o hábito que faz o monge" (NURC/SP - D2/21:1671)

(6) "um rapaz só saía de terno... nem que fosse às cinco da manhã e às dez da noite... meia noite... qualquer hora" (NURC/SP - DID/244:294)

(7) "foi uma experiência muito marcante... mas nem por isso eu posso generalizar..." (NURC/SP - D2/255:296)

(8) "eu ando muito de ônibus... daqui para o Rio... hoje nem tanto mas há algum tempo atrás andava bastante..." (NURC/SP - D2/255:161)

C. ocorrendo junto a expressões negativas polares:

(9) "naquele tempo não havia lei do inquilinato nem coisa nenhuma" (NURC/SP - DID/208:67)

sentido, mais forte do que um "não". Nossa descrição fica mais clara quando se vê o exemplo abaixo:

(c) A - Você assistiu ao filme do Saura?

B - Mas nem me pergunte: é claro que assisti

Encontramos nesse exemplo uma possível evidência da origem da utilização de nem num contexto de resposta enfaticamente afirmativa: de enunciados como 'nem me pergunte' (ou 'nem precisa (me) perguntar'), teria sido derivada essa função de nem.

Ainda com a utilização de nem, outras maneiras de afirmar enfaticamente podem ser encontradas, sempre - ou quase sempre - num contexto de resposta a uma pergunta anterior:

(d) A - O neném comeu tudo?

B - Mas nem!

(e) A - Você vai à festa do Otávio?

B - Nem! (Que eu vou a essa festa)!

(f) A - Hoje está fazendo um calor infernal.

B - Nem tá!

(g) A - Com esse calor, bom mesmo é estar na praia

B - Nem diga!

A análise que fizemos para os exemplos anteriores pode muito bem ser utilizada para estes exemplos. O uso de mas em (d) explicita ainda mais nossa análise, uma vez que, como se trata de um diálogo, esse mas também parece incidir sobre a própria enunciação do outro, e não sobre o conteúdo proposicional de sua fala (os estudos argumentativos de mas têm considerado a relação entre os conteúdos proposicionais de A mas B. Aqui nos parece se tratar de um terceiro tipo de mas, cuja análise está por ser feita).

Até aqui apresentamos uma análise intuitiva do fenômeno em questão. Parece-nos, porém, que duas linhas de análise linguística muito poderiam auxiliar a que se chegue à compreensão desses fatos. Estamos falando das noções de argumentatividade atestada (cf. Ducrot: 1972), e de derivação delocutiva (cf. Cornulier: 1976), que ficam aqui somente como indicação para estudos posteriores.

D. promovendo uma operação de exclusão de alternativas:

(10) "eu não gosto nem de barba nem de bigode" (NURC/
/SP - D2/21:364)

A simples observação dos exemplos acima é suficiente para mostrar a complexidade do funcionamento semântico do operador nem. Um estudo completo de tal complexidade exigiria o estabelecimento não apenas de análises do operador de que nos ocupamos, mas também de análises dos operadores e das operações semânticas com os quais nem estabelece relações diversas (por exemplo, combinando-se, co-correndo ou modificando).

No primeiro capítulo, estudamos a hipótese geral deste trabalho, ou seja, analisamos nem como operador argumentativo, justificando essa análise no contraponto com análises alternativas - por exemplo, as que consideram nem simplesmente uma conjunção aditiva.

No segundo capítulo, estudamos suas relações com operadores semelhantes - sequer, mesmo e tampouco -, que podem substituí-lo ou, na combinação com nem, produzir novos operadores. Aí, também, são feitas referências a suas relações com a negação e a questões relativas ao escopo desses operadores. Ainda nesse capítulo estudamos a possibilidade de nem reverter escalas argumentativas introduzidas por quase - possibilidade que mais facilmente se concretiza quando estão envolvidas expressões que exprimem gradação.

No terceiro capítulo, são estudadas outras relações semânticas entre enunciados, face ao fato de que nem pode negá-las ou constituir, junto a outros elementos lexicais, conectivos que expressam tais relações, além de questões sintáticas ligadas à presença de nem em enunciados:

a) negação de condição ou hipótese:

(11) Eu não volto a trabalhar com o Márcio nem se ele me pedir desculpas

b) concessão:

(12) A pessoa tem que ser mais discreta, nem que tenha um corpo maravilhoso

c) negação de relação conclusiva:

(13) Eu já vi muita peça de teatro em que a técnica deu muita mancada e nem por isso o espetáculo perdeu o seu conteúdo

d) comparação:

(14) Fale com o Roberto: é que nem falar comigo

e) retificação:

(15) Eu ando muito de Ônibus daqui para o Rio. Hoje nem tanto, mas há algum tempo atrás andava bastante.

f) exclusão de alternativas:

(16) Nesse regime não se come nem peixe, nem frango nem nada

g) locuções negativas polares:

(17) Nem sonhando

h) diferenças de escopo

(18) (a) Nem Carlos sabe disso

(b) Carlos nem sabe disso

(c) Carlos não sabe nem disso

Finalmente, em nossas conclusões, investigamos rapidamente uma proposta alternativa de análise, segundo a qual nem poderia ser visto como um introdutor de implicaturas convencionais, no sentido de Grice (1975), procurando apontar suas principais implicações para o nosso trabalho.

I- NEM: OPERADOR ARGUMENTATIVO

Partindo da observação "bastante banal" de que "muitos atos de enunciação têm uma certa função argumentativa", isto é, "visam a levar o destinatário a uma certa conclusão ou a dela afastá-lo", Oswald Ducrot, em "Les Echelles Argumentatives" (1973: 225-85), formula a hipótese de que tal função tenha marcas "na própria estrutura do enunciado: (...) morfemas, expressões ou torneios frasais que, mais do que seu conteúdo informativo, prestam-se a dar uma orientação argumentativa ao enunciado". A essa proposta de análise denominou-se SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA.

1.1 - COMPARAÇÃO ENTRE NEM E ATÉ

Observando ocorrências como (1)

(1) Nem João foi à festa¹

imediatamente pode-se considerar nem como um exemplo de operador argumentativo², aproximando-o do tratamento dado a até por J.-C. Anscombe³, em ocorrências como (2)

(2) Até Pedro foi à festa

1 V. Santos & Geraldi (1987), onde os autores apresentam uma análise do operador nem na qual procuram demonstrar seu caráter argumentativo.

2 Em nenhum momento Ducrot nomeia os "morfemas, expressões ou torneios frasais" como operadores argumentativos. Contudo, através das definições de classe argumentativa (1973:227-28) e de escala argumentativa (1973:228-29), e das análises de enunciados (cf. 1973 e 1977, por exemplo), podemos chegar à definição dada por Pinto: "... operadores argumentativos são morfemas da língua (tais como mas, embora, até, mesmo, pouco, um pouco, etc) que determinam o valor argumentativo dos enunciados onde se inserem" (1989:91. Os grifos são da autora).

3 Cf. Anscombe, J.-C. (1973:40-82). O. Ducrot (1973:227 e segs.) aprofunda esse estudo, aproveitando-o para "dar uma forma mais geral" à idéia de que "a utilização argumentativa da língua, longe de lhe ser sobreposta, nela está inscrita, está prevista em seu organismo interno" (op. cit., p.226). O enunciado utilizado por Ducrot como exemplo é "Même Pierre est venu".

Querendo que o interlocutor conclua, por exemplo, que 'a festa foi um sucesso', pode-se utilizar a presença de Pedro como um argumento mais forte do que a presença de outras pessoas, o que pode ser representado como segue:

(3) R (= a festa foi um sucesso)

```

      /\
      ||
      ||
p''' || Até Pedro foi à festa4
p''  || Mário foi à festa
p'   || Paulo foi à festa
p    || João foi à festa

```

ou, mais resumidamente, em (3a).

(3) (a) R (= a festa foi um sucesso)

```

      /\
      ||
p'    || Até Pedro foi à festa
p     || Outras pessoas foram à festa

```

Inversamente, para levar à conclusão 'a festa foi um fracasso', pode-se usar a ausência de João como um argumento mais forte do que outras ausências⁵, mediante a utilização do exemplo (1), o que pode ser representado como segue:

4 Cf. nossas observações à pág. 12, a respeito da organização de escalas com enunciados desse tipo

5 Ducrot, ao examinar o efeito da negação sobre as escalas argumentativas, diz que há uma "lei empírica", segundo a qual "se um enunciado é utilizado por um locutor para sustentar uma certa conclusão, sua negação (notada "p") será considerada, por esse mesmo locutor, como um argumento para a conclusão oposta. Dito de outro modo, se p pertence à CA determinada por R, "p pertence à CA determinada por "R". (1973:238).

(4) R (= a festa foi um fracasso)
 $\wedge$
 $\parallel$
 $\sim p$ $\parallel$ Nem João foi à festa
 $\sim p'$ $\parallel$ Paulo não foi à festa
 $\sim p''$ $\parallel$ Mário não foi à festa
 $\sim p'''$ $\parallel$ Pedro não foi à festa

ou (4) (a) R (= a festa foi um fracasso)
 $\wedge$
 $\parallel$
 $\sim p$ $\parallel$ Nem João foi à festa
 $\sim p'$ $\parallel$ Outras pessoas não foram à festa

Sem assumir qualquer compromisso teórico de que enunciados parafraseáveis entre si tenham uma estrutura semântica profunda idêntica, gostaríamos de fazer notar que a comparação com até parece ser corroborada pelo fato de haver a possibilidade de parafrasear (1) por (5):

(5) Até João não foi/faltou à festa

em que se usa o operador até e se introduz, como em (1), a 'ausência de João' como o argumento mais forte para a conclusão 'a festa foi um fracasso'. Essa observação vai ao encontro do que afirma O. Ducrot (1973:238 e segs.), segundo quem a negação tem o poder de inverter a orientação de uma escala argumentativa⁶. Nesse sentido, o autor diz que há uma lei segundo a qual "a escala em que se encontram os enunciados negativos (...) é inversa à escala dos enunciados afirmativos. Em outras palavras, se p' é mais forte do que p com relação a R , $\sim p$ é mais forte do que $\sim p'$ com relação a $\sim R$ "⁷ (p.239).

6 Cf. O. Ducrot (1973:238), acerca do que o autor chama de "primeira lei da negação". Cf., também, nota 5.

7 Essa segunda lei é pelo autor denominada "segunda lei da negação". V. Ducrot (1973:239).

1.2 - COMBINAÇÃO COM MESMO

Além da possibilidade de comparar nem e até, outro argumento que pode ser acrescentado em favor da análise argumentativa de nem é o fato de este operador poder combinar-se, como até, com mesmo⁸ (que também é um operador argumentativo⁹), sem perda de seu valor argumentativo - antes, o que parece ocorrer é que nem mesmo (e também até mesmo) surge como introdutor de um novo elemento na escala, superior ao que é introduzido por nem (e até), como mostram os exemplos (6) e (7) (representados, respectivamente, em (8) e (9)), abaixo.

(6) A festa foi um sucesso: até Sérgio e - imagine só - até mesmo Pedro apareceram

(7) A festa foi um fracasso: nem Pedro e - pasme - nem mesmo Sérgio apareceram

(8) R (= a festa foi um sucesso)

/\

p' II Até mesmo Pedro foi à festa

p II Até Sérgio foi à festa

II

(9) R (= a festa foi um fracasso)

/\

p' II Nem mesmo Sérgio foi à festa

p II Nem Pedro foi à festa

II

Essa análise, sem dúvida, é reforçada pela forma como se apresentam os enunciados (6) e (7): o uso do imperativo auxilia no estabelecimento da hierarquia que percebemos. Além dessa, porém, há pelo menos três evidências mais que nos levam a confirmar nossa

8 Deve-se notar que o operador mesmo possui a particularidade de poder combinar-se tanto com nem quanto com até, fato que demonstra que mesmo é neutro com relação à negação, o que permite que seja utilizado tanto em contextos afirmativos quanto em negativos.

9 Para um tratamento argumentativo de mesmo em língua portuguesa, v., principalmente, Vogt (1977), especialmente o capítulo III.

análise. Primeiramente, o fato de que a orientação argumentativa permanece, mesmo em enunciados em que o imperativo não ocorre - o que pode ser visto no exemplo (10):

(10) "(eu ouço aí música moderna...) nem a letra satisfaz e nem mesmo a música... (do ponto de vista melódico)".
(NURC/SP - DID/214:224)

Em segundo lugar, a possibilidade de usarmos nem mesmo/até mesmo sem menção prévia de nem/até. Vejam-se os exemplos (11) - (14):

(11) A festa foi um fracasso: nem mesmo Sérgio apareceu

(12) A festa foi um sucesso: até mesmo Pedro apareceu

(13) "(aqui... por exemplo... para as artes plásticas:: pintura e escultura)... não há nem mesmo ahn::... ateliers"
(NURC/SP - DID/214:194)

(14) "não achei assim o trânsito tão congestionado como São Paulo... (em nenhuma das cidades:: onde estive...) nem mesmo em:: Madri::". (NURC/SP - DID/137:306)

Em terceiro lugar - evidência mais forte do que a primeira e a segunda -, a impossibilidade de inversão de posição entre nem/nem mesmo e até/até mesmo, como exemplificam (15) e (16):

(15) * A festa foi um fracasso: nem mesmo Pedro e nem Sérgio apareceram

(16) * A festa foi um sucesso: até mesmo Sérgio e até Pedro apareceram

Ilari & Geraldi (1987: 80-81), apresentando uma breve análise de nem mesmo¹⁰, dizem que

¹⁰ Na verdade, no texto em questão, essa "breve análise" serve como exemplificação das operações feitas pela Semântica Argumentativa, num contexto de rápida introdução a essa teoria linguística. Na citação alteramos a numeração utilizada pelos autores.

tais sentenças desta ou daquela maneira: qualquer hierarquia, para ser estabelecida, dependerá do uso das sentenças num contexto argumentativo e da presença, nesse contexto, de marcadores como até/até mesmo e nem/nem mesmo.

Ao lado disso, podemos notar que, no exemplo dado por Ilari & Geraldi, os enunciados facilmente podem ser postos numa hierarquia, uma vez que os termos 'governador', 'prefeito', 'vereadores' e 'quatro gatos pingados' já se apresentam hierarquicamente arranjados.

Esse confronto nos mostra, então, que há duas maneiras de estabelecer hierarquias entre sentenças: uma primeira, em que as próprias sentenças apresentam componentes que se estruturam numa dada hierarquia (e assim determinam uma organização argumentativamente hierarquizada das sentenças); e uma segunda, em que é construída uma escala com enunciados neutros do ponto de vista de uma certa organização hierárquica - o que é demonstrado pelo fato de que nada há nos termos 'Pedro', 'José' ou 'Sérgio' (ou em qualquer outro do mesmo tipo) que nos leve a organizá-los hierarquicamente. Em outras palavras, o que estamos tentando demonstrar é que não é indispensável, para a disposição de sentenças numa dada escala, a existência de uma hierarquia que possa ser lexicalmente recuperada.

Essas nossas observações encontram confirmação em Vogt (1977:92), quando esse autor, ao analisar o comportamento de mesmo, afirma que tal operador tem por função

"19) Dado um enunciado, estabelecer uma relação argumentativa entre os elementos que o constituem, relação esta em que o elemento precedido de mesmo está acima dos demais, enquanto argumento de uma escala argumentativa *r*. Neste caso, mesmo ordena argumentativamente o enunciado, segundo uma intenção *r* do locutor *L*. (...)

20) Dado um enunciado, estabelecer uma relação argumentativa entre elementos que já se apresentem ordenados. Neste caso, mesmo respeita a ordem lexicalmente dada, mas opera argumentativamente no sentido de apresentá-la à intenção de uma conclusão *r* do locutor, isto é, numa escala argu-

mentativa determinada por r".

Acreditamos que as mesmas observações podem ser feitas com relação ao par nem/nem mesmo.

É evidente que, no caso dos enunciados que contêm nomes próprios, fatores como o conhecimento partilhado pelos participantes de um diálogo fazem com que se saiba qual desses enunciados pode figurar num ou noutro ponto de uma dada escala - o que acontece é que esse conhecimento, evidentemente, não é da mesma natureza do conhecimento exigido para o estabelecimento da hierarquia presente em (i).

Deve-se observar, além disso, que se aquele a quem se dirige (1) e (2) nada souber sobre os hábitos de João ou de Pedro, não terá qualquer dificuldade em concluir que o locutor desses enunciados apresenta um julgamento sobre o comportamento de João e de Pedro - por exemplo, que os considera (respectivamente) "festeiro" ou "arredio" - e há que se notar que tal conclusão somente é possível pela presença de nem e de até nesses enunciados. Dizer isto significa dizer que, além de organizar hierarquicamente uma dada escala, nem (e também até, é claro) possui a capacidade de veicular uma informação a respeito do julgamento do locutor sobre o conteúdo do enunciado por ele utilizado; poderíamos, mesmo, dizer que a própria organização/hierarquia dada aos enunciados (e, por conseguinte, aos argumentos) informa ao destinatário sobre o julgamento do locutor com relação àquilo que, nos enunciados utilizados, segue os operadores.

Sendo assim, acreditamos que se pode dizer, sobre as gradacões estabelecidas pelo falante na organização argumentativa de enunciados, que se trata de relações imponderáveis. Na realidade, para estabelecê-las, apenas são obedecidas certas regras de coerência, mas não há como antecipar, fora de contexto, qual será a gradacão estabelecida pelo falante na argumentação. É por isto mesmo que a definição de cada escala argumentativa se enquadra tipicamente no domínio pragmático.

1.3 - NEM/E NEM: ADIÇÃO & ARGUMENTAÇÃO

Análises de nem que o consideram simplesmente uma forma de adição de enunciados negativos encontram dificuldades para explicar ocorrências de e nem. Este é um terceiro fato lingüístico a indicar o acerto da inclusão de nem entre os operadores argumentativos. Tais ocorrências podem ser exemplificadas em (17):

(17) "(eu não sei bem o nome desse:: desse doce não eu sei que lá em casa sempre se faz... mas) eu não sei o nome e NEM a minha mãe sabe o nome (ela sabe que o doce:: é tradicional ((risos)) é tradicional no Natal né?)"
(NURC/SP - DID/235:312)

Nesse exemplo, podemos ver que a negação de 'minha mãe sabe o nome do doce' é colocada como um argumento mais forte do que a negação de 'eu sei o nome do doce'¹¹, para uma conclusão do tipo 'ninguém sabe o nome do doce' ou 'é impossível tentar saber o nome do doce, porque a tradição de fazê-lo por ocasião do Natal foi passada na prática e não na fala', por exemplo.

A esse respeito, afirma Silveira Bueno (1958:406): "se houvesse lógica em linguagem, nunca poderíamos dizer e nem, pois equivaleria a um plenonasmo conectivo: e e não", uma vez que "derivada de nec, que por sua vez valia et non, serve essa conjunção de conectivo e negação, por conservar em sua forma e (et) não (non)".

Sem querer discutir se há ou não lógica em linguagem¹², há três pontos que precisam ser esclarecidos. Primeiramente, o fato, para nós bastante claro, de que nem não é e não - ou pelo menos não

¹¹ Fica patente, nesse caso, que se estabelece uma hierarquia entre 'eu' e '(minha) mãe', e que os enunciados assim organizados carregam uma informação do tipo 'mães sabem mais a respeito de doces do que suas filhas'.

¹² Apenas acreditamos dever lembrar que "o lingüista descritivo não tem nenhum interesse em tornar o uso da linguagem 'mais lógico' do que ele é - ao contrário, ele deve explicar, se possível, por que ele não é, com efeito, mais lógico". (Cf. Weinreich, U. "On the Semantic Structure of Language", pp.148-49. In: Greenberg, J. (ed.) Universals of Language. Cambridge. London. M.I.T. Press, 2a. ed., 1966, pp. 142-216, apud Vogt (1977:95)).

apenas e não - e é precisamente por isso que podemos dizer e nem. Em segundo lugar, o fato de que muitas vezes, quando dizemos e nem, estamos estabelecendo uma hierarquia entre dois argumentos que se encaminham para uma mesma conclusão, através de dois enunciados negativos (ou que se apresentam na forma negativa). Assim, o enunciado introduzido por não é o de menor valor, argumentativamente falando, enquanto o enunciado introduzido por nem é o de maior peso para a argumentação em curso. O papel de e, nesses casos, é o de ligar os dois argumentos, introduzindo o segundo. O que se dá é que essa ligação também pode ser feita "por justaposição": e é exatamente isto o que nos permite não utilizar e. Em terceiro lugar, o fato de que nem todo uso de e nem é argumentativo: os exemplos (18) e (19), abaixo, mostram que há casos de e nem em que não ocorre o estabelecimento de uma hierarquia.

(18) "um nariz nem muito grande e nem muito achatado..."
(NURC/SP - D2/21:401)

(19) "em todas as fichas ... em todas estas ... gravações... todas estas fichas... não ocorreu nem uma vez sequer o pronome cujo... e nem ... as suas variantes" (NURC/SP - EF/350:374)

Em (18) e (19) temos uma coordenação de alternativas que são simultaneamente apresentadas e excluídas¹³ - e o papel de e é o de marcar essa coordenação. Note-se, ainda, que nesses casos o uso de e pode ser considerado desnecessário, uma vez que nem tem o poder de marcar a coordenação, o que indica que existem, sim, "pleonasmos conectivos".

¹³ Cf., mais, adiante, o capítulo III, onde trataremos de papel exercido por nem em situações de exclusão de alternativas.

1.4 - TOPICALIZAÇÃO & ARTICULAÇÃO TEMA/REMA

Um outro argumento em favor da consideração de nem como operador de argumentação é a possibilidade de construção de enunciados em que se utiliza não em posição posterior a nem, ambos antepostos ao verbo. É o que se vê em (20), (21) e (22):

(20) "(E HOJE DIZ ELA QUE NA:: parte... do ventre só tem uma liGEIra... mancha vermelha) nem cicatriz não ficou..."
(NURC/SP - DID/208:064)

(21) "(e:: ele tinha mandado construir uma casa... na:: ... lá no:: meio do pasto... roçar e construir casa quando ele chegou lá...) nem estrada não tinha pra ele entrar na nossa fazenda..." (NURC/SP - DID/208:109)

(22) "olha rapaz... nem Frei Damião não tem lá"
(NURC/SP - D2/331:856).

Comparem-se, agora, os exemplos acima com os exemplos abaixo:

- (20) (a) não ficou nem cicatriz
(b) nem cicatriz ficou
(c) nem ficou cicatriz
(d) não ficou cicatriz

- (21) (a) não tinha nem estrada
(b) nem estrada tinha
(c) nem tinha estrada
(d) não tinha estrada

- (22) (a) não tem nem Frei Damião, lá
(b) nem Frei Damião tem lá
(c) nem tem Frei Damião, lá
(d) não tem Frei Damião, lá

Esses três grupos de exemplos - menos "estranhos", talvez, do que os exemplos apresentados em (20)-(22) - ilustram o fato de

que, na construção de enunciados negativos, a anteposição, ao verbo, de "palavras negativas" dispensa o uso do advérbio não (cf. Ele não fez nada/Ele nada fez). Se assim é, de fato, o que permite que se façam construções como as exemplificadas em (20)-(22) é justamente o fato de que nem é um operador argumentativo¹⁴.

Observem-se, agora, os exemplos abaixo:

- (20) (e) * nem ficou não cicatriz
 (f) * não cicatriz nem ficou
 (21) (e) * nem tinha não estrada
 (f) * não estrada nem tinha
 (22) (e) * nem tem não Frei Damião lá
 (f) * não Frei Damião nem tem lá

De imediato podemos ver, pela comparação entre os exemplos (20)-(22) e (20a)-(22d), de um lado, e (20e)-(22f), de outro, que:

- 1) tanto nem quanto não podem anteceder o verbo, conferindo-lhe sentido negativo;
- 2) nem pode negar tanto um verbo quanto um SN;
- 3) nem pode negar uma sentença, quer ela esteja na forma SN + V, quer na forma V + SN¹⁵;
- 4) nesses casos, a única construção não aceitável é aquela em que não antecede um SN ligado a um verbo já negado por nem, quer esse SN seja anterior, quer seja posterior ao verbo.

Todas essas observações, contudo, não são suficientes para

¹⁴ Comparem-se esses exemplos com os exemplos (1) e (5).

¹⁵ Numa comparação dessas construções com as construções abaixo,

(1') Nem João não foi à festa

(6') Nem minha mãe não sabe o nome do doce

(1') Nem quatro gatos pingados não foram ao enterro do bombeiro

percebemos que aparentemente, pelo menos, não faz diferença o fato de o SN em questão ser sujeito ou complemento do verbo.

explicar a razão por que se podem construir enunciados cuja estrutura seja nem + SN + não + Verbo: no máximo mostram uma restrição à ocorrência de não.

Em nossa opinião, o que explica a possibilidade de uso de não em posição posterior a nem, ambos antepostos ao verbo, é o fato de que nem é um operador argumentativo; como também, queremos crer, o fato de que em tais construções nem está sintaticamente distante do verbo.

Acreditamos que a noção de topicalização e a de articulação tema-rema¹⁶ possam nos auxiliar na compreensão do problema, da seguinte maneira: ao utilizar nem à frente de um item deslocado para o início da sentença, estamos topicalizando esse item e, simultaneamente, negando o rema da sentença: as estruturas do tipo nem... não... topicalizam o elemento escolhido pelo falante como mais relevante para a argumentação. Nossa proposta de análise para essas estruturas é de que elas contêm um componente implícito e um componente assertado. Do primeiro fazem parte elementos da escala argumentativa diferentes daquele que é escolhido para ser assertado, o qual, por sua vez, é mostrado como surpreendente e mais relevante para a argumentação.

Assim, podemos representar o movimento argumentativo que encontramos em nem... não... do seguinte modo:

- A) I. implícito: 1. não existem M, N, O, que são diferentes de X
2. M, N, O têm um peso argumentativo diferente do peso argumentativo de X
- II. assertado: não existe X
- B) é surpreendente e mais relevante para a argumentação a inexistência de X
- C) A + B = nem X não verbo

¹⁶ Chamamos de topicalização à operação sintática que consiste em conferir relevo a um constituinte através de seu deslocamento para o início da sentença, quando não é essa a sua posição preferencial. Para tema e rema, utilizamos as definições apresentadas em Ilari (1986): tema é aquilo "sobre o qual toda a oração versa" (p.13) ou "o assunto da oração" (p.14) - e rema é "aquilo que se diz do tema" (p.14).

O exemplo (20), analisado segundo esta "fórmula", pode ser compreendido da seguinte maneira:

A) I. implícito: 1. não existem marcas (M), defeitos (N), ou escoriações (O), que são diferentes de cicatrizes (X)

2. a indicação da ausência de marcas, defeitos e escoriações têm um peso argumentativo diferente do peso argumentativo da indicação da ausência de cicatrizes

II. assertado: não existem cicatrizes

B) é surpreendente, e mais relevante para a argumentação a inexistência de cicatrizes

C) A + B = nem cicatriz não ficou

Feitas as adaptações necessárias, análises idênticas podem ser feitas para os outros dois exemplos.

Como dissemos, o elemento negado por nem nas estruturas em questão é o rema das sentenças. No entanto, acreditamos ser difícil demonstrar o caráter remático desses elementos por meio do teste mais habitual, que é o de pergunta natural, mas isto pode ser feito por meio de diálogos, como

(20) (g) A - Marcas da queimadura não ficaram

B - Nem cicatriz não ficou

(21) (g) A - Asfalto não tinha no caminho para a fazenda

B - Nem estrada não tinha

(22) (g) A - A cidade não cultua o Padre Cícero

B - Nem Frei Damião não tem lá

Em (20g) fala-se sobre um acidente em que houve queimaduras, para comentar seus resultados, e apresenta-se como novidade o fato de que "não ficaram marcas ou cicatriz". Similarmente, em (21g) fala-se sobre o caminho que leva a uma fazenda, para apontar suas falhas, apresentando-se como novidade o fato de que "não existe asfalto ou estrada". Também para (22g) encontramos uma análise semelhan-

te: fala-se sobre uma cidade para comentar sua "falta de religiosidade", e apresenta-se como novo o fato de que essa cidade não obedece ao comando de um líder religioso importante¹⁷.

Em todos os três casos, o elemento referido por B é apresentado como o mais relevante para a argumentação.

Nossa análise encontra respaldo em Ilari (1986), que nos ensina que

"entre negação e ATR (Articulação Tema-Rema) pode-se estabelecer uma ligação ainda mais estreita, mostrando que, numa classe consideravelmente ampla de orações negativas (mais precisamente: em todas as orações negativas em que não se pressupõe a negação do verbo) o que se nega é, precisamente, o rema" (p. 107).

Um pouco mais adiante, esse mesmo autor nos diz que

"nas orações cindidas negativas que analisei, um mesmo segmento funciona simultaneamente como rema e como expressão das informações sobre que incide a negação. Não há segmentos negativos que se subtraíam de ser remáticos, nem segmentos remáticos que deixem de ser negativos. Se a semelhança entre orações cindidas e simples é tão forte a ponto de não afetar a aplicação da negação e a escolha do rema (...) então a mesma coincidência entre rema e segmento negado deveria valer também para as orações simples.

Tudo isto constitui, se não uma prova, pelo menos um forte indício de que a negação se aplica, exatamente, às informações que são veiculadas pelo rema: a interpretação de um número considerável de orações negativas só pode ser explicada, em outras palavras apontando para a ATR dessas mesmas orações, previamente determinada. É por esse motivo que

¹⁷ Frei Damião é um destacado líder religioso do nordeste brasileiro, mais especificamente do Estado de Alagoas.

se pode falar do rema como o segmento em que incide de preferência a negação" (pp.112-13. O grifo é do autor).

Com base nos argumentos apresentados ao longo deste capítulo, podemos concluir que nem é um operador argumentativo. Resta saber se seu valor de introdutor de argumentos e de organizador de escalas argumentativas se mantém em outros contextos, como os apontados na Introdução deste trabalho. É o que faremos nos capítulos que seguem, estudando as co-ocorrências de nem com outros operadores e seu papel em outras relações semânticas entre enunciados.

II - NEM E OUTROS OPERADORES

Como vimos no capítulo anterior, o operador nem possui a propriedade de se combinar com o operador mesmo; combinação esta que produz um novo operador¹ - nem mesmo - o qual, por sua vez, possui a propriedade de introduzir nas escalas argumentativas por ele instauradas elementos hierarquicamente superiores àqueles introduzidos pelo operador nem. Neste capítulo, vamos investigar um pouco mais as relações entre nem e mesmo, e estudar as relações entre nem e sequer, tampouco e quase.

2.1 - MESMO, SEQUER & TAMPOUCO

À primeira vista, são pelo menos três as características dos operadores em questão:

- 1) nem pode ser indiferentemente substituído por sequer e tampouco;
- 2) nem pode se combinar com mesmo, sequer e tampouco, sendo que os três novos operadores são expressões equivalentes, podendo ser utilizadas umas pelas outras;
- 3) pode-se traçar um paralelo entre o comportamento sintático-semântico do grupo até/mesmo/até mesmo e dos grupos nem/sequer/nem sequer e nem/tampouco/nem tampouco; isto é, sequer e tampouco comportam-se com relação a nem de modo semelhante ao modo como se comporta mesmo com relação a até (podendo substituí-lo ou combinar-se com ele, mantendo ou acentuando suas propriedades de operador de argumentação).

¹ Por razões de comodidade na exposição, sempre utilizaremos, neste trabalho a expressão "operador" para seqüências compostas por dois operadores. Isto, contudo, não significa que pretendemos afirmar que o operador assim obtido não possa ser analisado em função dos elementos que o constituem, isto é, por uma análise composicional, que damos como suposta.

Contudo, não é preciso ir muito longe para perceber que as coisas não são exatamente assim: há diferenças entre esses elementos; diferenças estas que fazem com que, ainda que sejam bastante semelhantes - principalmente no que tange a suas relações com a negação -, tais expressões não possuam um comportamento sempre idêntico (ainda que isto, evidentemente, não signifique total incompatibilidade).

Estudando mesmo, Vogt (1977), a respeito do papel desse item como operador argumentativo, afirma que há casos em que

" a ordem dos argumentos independe do operador de argumentação mesmo, uma vez que já está marcada na própria língua, restando ao operador a função de apreciar tal ordem como uma hierarquia argumentativa, em função de uma conclusão r qualquer (...). Outras vezes, tal ordem não é absolutamente dada e o operador mesmo deverá então instituí-la". (p.82)

Como vimos no capítulo anterior, esse mesmo autor estabelece três funções do operador na organização de escalas argumentativas. Essas funções são as seguintes²:

"19) Dado um enunciado, estabelecer uma relação argumentativa entre os elementos que o constituem, relação esta em que o elemento precedido de mesmo está acima dos demais, enquanto elemento de uma escala argumentativa r. Neste caso, mesmo ordena argumentativamente o enunciado, segundo uma intenção r do locutor L. (...)

29) Dado um enunciado, estabelecer uma relação argumentativa entre elementos que já se apresentam ordenados. Neste caso, mesmo respeita a ordem lexicalmente dada, mas opera argumentativamente no sentido de apresentá-la à intenção de

² Nessa citação foram suprimidos os exemplos. Os grifos são, todos, do autor. Apesar de já nos termos referido à primeira e à segunda dessas funções, repetimo-las neste capítulo por uma questão de clareza.

uma conclusão r do locutor, isto é, numa escala argumentativa determinada por r. (...)

3º) Dado um enunciado comparativo, cuja estrutura é argumentativamente ambígua³, o operador mesmo, salvo restrições apontadas⁴, deverá escolher segundo a linha do favorável ou do desfavorável⁵, já dada pela comparação, a orientação da escala argumentativa, apresentando, sempre, como argumento forte em relação ao tema, o elemento escolhido como comentário." (op. cit., pp. 92-3)

Temos razões suficientes para crer que, argumentativamente falando, o operador nem, pelo menos no que se refere aos dois primeiros itens, comporta-se, nos enunciados em que ocorre, de modo bastante semelhante ao descrito acima⁶.

Reexaminando nossa primeira impressão a respeito do compor-

3 Para Vogt, dizer que um enunciado comparativo é "estruturalmente ambíguo" significa, por exemplo, dizer que

"o enunciado:

Pedro é tão inteligente quanto João
pode constituir-se ou como a) um argumento favorável a Pedro
ou como b) um argumento desfavorável a João.

No caso a), a inteligência de Pedro é o tema e João é dado como o seu comentário-tema; no caso b), o tema é a burrice de João e o comentário é a inteligência de Pedro" (p. 60).

Ainda segundo o autor, "tal ambigüidade entre o tema e o comentário é devida não apenas à estrutura da comparação, mas ainda ao fato de que o adjetivo inteligente é não-marcado em relação à zona da escala na oposição inteligente/burro". (id. ibid.).

Cabe chamar a atenção, aqui, para o uso que Vogt faz dos termos tema e comentário: em nenhum momento, em sua discussão, esse autor esclarece em que tradição (ou em que escola) linguística se apóia para utilizar essas noções. Além disso, nada há em seu texto que nos permita percebê-lo, uma vez que se trata de um uso fortemente idiossincrático. Note-se, para isto, sobretudo a utilização da expressão "comentário-tema".

4 As restrições a que o autor se refere são apontadas ao longo de sua exposição a respeito do efeito do operador mesmo sobre enunciados comparativos.

5 Ao apresentar os termos favorável e desfavorável, Vogt (1977:51-2, nota 6b) afirma que esses termos "recobrem dois conceitos opostos, mas de simplicidade evidente". E continua: "quando digo que tal conceito linguístico constitui um argumento favorável a um outro elemento, do ponto de vista semântico, o que quero dizer é que, como no caso da comparação, o elemento favorecido é compensado negativamente no desfavorecimento do outro e vice-versa. Deste modo é que do primeiro se podem tirar conclusões favoráveis, da mesma forma que do segundo se tirarão conclusões desfavoráveis".

6 Parte dessas razões já foram apresentadas no capítulo anterior, e outras serão apresentadas ao longo deste capítulo.

tamento de nem, sequer e tampouco, vemos que há, de fato, contextos em que os dois últimos podem substituir o primeiro:

(1) Eu não sei o nome do doce, e nem a minha mãe sabe.

(a) Eu não sei o nome do doce, e sequer a minha mãe sabe

(b) Eu não sei o nome do doce e tampouco a minha mãe sabe⁷

O que esses exemplos não revelam, porém, é que há contextos em que tal substituição não se faz de modo tão simples: ao que parece, o operador sequer pode ser utilizado sem que haja um contexto prévio de oração negativa, o que não acontece com tampouco, como mostram os exemplos (2) e (2a):

(2) Sequer a minha mãe sabe o nome do doce: é melhor desistir, porque nós nunca vamos saber

(a) ?? Tampouco minha mãe sabe o nome do doce: é melhor desistir, porque nós nunca vamos saber.

Se aproximarmos sequer de nem mesmo e tampouco de também não, teremos condições de melhor compreender a restrição que sofre a distribuição do terceiro elemento: enquanto sequer admite ser utilizado sem menção prévia de nem ou de um outro operador de negação, tampouco requer uma negativa prévia. O contraste entre (2) e (2a) mostra, ainda, que por não necessitar de uma negação explícita prévia, sequer implica esta negação. Nesse sentido, podemos dizer que, se um ouvinte de (2) nada souber sobre o que está se passando

7 Embora não seja crucial para a compreensão dos exemplos, não podemos deixar de fazer notar que há uma diferença de natureza sócio-lingüística entre os enunciados (1)-(1b): se podemos dizer que a substituição de um item pelos outros não afeta os níveis sintático e semântico, o mesmo não pode ser dito com relação às condições de emprego dos enunciados e dos operadores: (1), (1a) e (1b) representam, cada um, uma situação e um registro diferentes.

(ou, em outras palavras, sobre o contexto no qual (2) está sendo empregado), poderá, com facilidade, perceber, por exemplo, que se trata de uma situação em que já se tentou, infrutiferamente, 'saber o nome do doce'. Quanto a tampouco, acreditamos que, ainda que a mesma operação mental possa ser feita, seu uso sem menção prévia explícita de uma negação faz com que um enunciado do tipo de (2a) soe, pelo menos, como "estranho" (razão pela qual foi marcado com '??'). Esta já é uma primeira evidência de que tampouco é um item que opera como coordenador de sentenças negativas. Embora o mesmo possa ser dito a respeito de sequer, a diferença entre esses dois operadores, segundo o que indicam nossos exemplos, é que este último pode ser utilizado independentemente da explicitação de uma negativa prévia (porque ele a implica), enquanto aquele apresenta restrições quanto à sua ocorrência em tal contexto. Ou seja: tampouco sempre funciona como aditivo⁸, unindo enunciados negativos⁹.

Um ponto adicional de semelhança entre os itens em questão é o fato de que, assim como já observamos com relação à ocorrência de *nem mesmo... nem..., também são inaceitáveis as seqüências formadas por sequer... nem... ou tampouco... nem.... Vejam-se, para isto, os exemplos (3)-(3b).

- (3) * Nem mesmo minha mãe sabe o nome do doce e nem eu sei
- (a) * Sequer minha mãe sabe o nome do doce e nem eu sei

⁸ Podemos também, constatando que tampouco é, ele próprio, um item muito pouco usado no português brasileiro em seu estágio atual, entender que talvez por isso, também, soem estranhas as construções de que toma parte.

⁹ Sejam os exemplos abaixo:

(a) A cartomante previu que Lula seria eleito e que Erundina sofreria um enfarte: nada mais falso: Lula foi derrotado e tampouco Erundina teve qualquer acidente vascular.

(b) A cartomante previu que Lula seria eleito e que Erundina sofreria um enfarte: Lula foi derrotado e tampouco Erundina teve qualquer acidente vascular.

Esses exemplos nos auxiliam a refinar nossa análise, e a perceber que o contexto negativo prévio exigido por tampouco não necessita ser expresso por um enunciado negativo, podendo ser representado pela descrição de uma situação a partir de uma perspectiva negativa. Em nossos exemplos, "Lula foi derrotado", é exatamente tanto uma negação da sentença condicional presente no contexto (Lula seria eleito), quanto uma descrição de um fato a partir de uma perspectiva negativa.

(b) * Tampouco minha mãe sabe o nome do doce e nem eu sei

Os exemplos abaixo mostram que na comparação de nem sequer e nem mesmo com nem tampouco, encontramos problemas semelhantes aos que vimos até o momento: nem tampouco, assim como tampouco, não ocorre sem um contexto negativo prévio¹⁰, enquanto os outros dois elementos o fazem; além disso, são encontrados os mesmos problemas que encontramos com relação à questão da ordem dos operadores nos enunciados:

(4) "(muitas vezes) as cartas não chegam pela simples razão de que nem sequer foram escritas" (NURC/SP - D2/225:833)

(a) as cartas não chegam pela razão de que nem mesmo foram escritas

(b) ? as cartas não chegam pela razão de que nem tampouco foram escritas

(c) * as cartas não chegam pela razão de que nem sequer foram escritas nem esboçadas

(d) * as cartas não chegam pela razão de que nem mesmo foram escritas nem esboçadas

(e) * as cartas não chegam pela razão de que nem tampouco foram escritas nem esboçadas

(5) "(nós temos às vezes grandes cantores populares... mas que não SABEM interpretar) às vezes não sabem nem sequer dizer:... as palavras (se perdem...)'" (NURC/SP - D2/333:598)

(a) não sabem nem mesmo dizer as palavras

(b) ? não sabem nem tampouco dizer as palavras

¹⁰ Não se deve esquecer de que, toda vez que fizermos referência a um "contexto negativo prévio exigido por tampouco", estaremos nos reportando aos fenômenos que apontamos em nossa nota 9: entendemos que não há necessidade de marcadores negativos sintaticamente configurados: muitas vezes, basta que o enunciado seja produzido a partir de uma perspectiva negativa, no sentido por nós definido.

(c) * não sabem nem sequer dizer as palavras nem escrevê-las

(d) * não sabem nem mesmo dizer as palavras nem escrevê-las

(e) * não sabem nem tampouco dizer as palavras nem escrevê-las

O que os exemplos acima evidenciam, mais uma vez, é que enquanto nem, nem mesmo, sequer e nem sequer podem ser utilizados sem menção prévia de um operador argumentativo – justamente por serem, eles próprios, operadores de argumentação¹¹ –, o par tampouco/nem tampouco somente pode ser utilizado como aditivo, isto é, apenas pode ser utilizado em contextos nos quais se somam orações negativas¹². É isto o que podemos ver nos exemplos (6) e (6a)¹³:

(6) Não ficou nem o jazz americano e tampouco a música pura italiana

(a) Não ficou nem o jazz americano, nem tampouco a música pura italiana

Olhando um pouco mais de perto para a aproximação que fizemos entre tampouco/nem tampouco e também não, podemos encontrar exemplos como os seguintes:

(7) Não sabem dizer as palavras e não sabem escrevê-las

(a) Não sabem dizer as palavras e também não sabem escrevê-las

(b) * Não sabem dizer as palavras e não escrevê-las

¹¹ Lembremos, com Ilari & Geraldi (1987:80), que "nem mesmo (nem sequer) é a única forma de negar que situa o conteúdo da oração numa classe argumentativa".

¹² V. o capítulo III, onde trataremos desse tipo de operação, por nós intitulada de "exclusão de alternativas".

¹³ Exemplos adaptados de NURC/SP – DID/102:023, onde a ocorrência se dá como segue:

"não ficou nem o jazz americano nem a música pura italiana".

(c) * Não sabem dizer as palavras e também não escrevê-las

(d) Não sabem dizer as palavras e escrevê-las também não

(e) Não sabem dizer as palavras e tampouco sabem escrevê-las

(f) Não sabem dizer as palavras (e) nem tampouco sabem escrevê-las

(g) Não sabem dizer as palavras e tampouco escrevê-las

(h) Não sabem dizer as palavras (e) nem tampouco escrevê-las

(i) Não sabem dizer as palavras e escrevê-las tampouco

(j) ? Não sabem dizer as palavras e escrevê-las nem tampouco

Os exemplos acima nos auxiliam a compreender um pouco mais as relações entre tampouco/nem tampouco e também não: como já dissemos, trata-se de duas maneiras diferentes de coordenar sentenças negativas - ou, dito de outro modo, de adicionar negações sucessivas. A diferença que se pode notar é que, no caso de tampouco/nem tampouco, pode ocorrer uma elipse do elemento negado, ao passo que, com também não (e e não), tal elipse não pode ocorrer, exceto, ao que tudo indica, em final de sentença (cf. Pedro não veio, e José também não).

A comparação dos exemplos (4)-(5j) com os exemplos (1)-(1b), (6) e (6a) mostra-nos o que muitas vezes acontece com o par tampouco/nem tampouco: em certos contextos, para que qualquer dos elementos do par ocorra, é preciso que esse elemento e a negação que o precede tenham o mesmo escopo, ou seja, o constituinte negado por tampouco deve ser o mesmo que já foi negado por não (o que acontece é que geralmente há uma elipse desse constituinte). Já os outros operadores admitem ter um escopo diferente do advérbio não - e é exatamente por este motivo que podem ocorrer em início de enunciado, enquanto tampouco/nem tampouco, não. Em outras palavras, o que esta-

mos pretendendo dizer é que tampouco/nem tampouco são elementos cuja ocorrência - bem como o escopo - pode ser dependente da ocorrência - e do escopo - de elementos negativos anteriores.

Não podemos nos esquecer, porém, de que há ocasiões em que essa exigência pode ser satisfeita pela perspectiva de locução, isto é, há situações em que basta que se fale a partir de uma perspectiva negativa, para que tampouco/nem tampouco possam ocorrer. De qualquer modo, contudo, isto não invalida a exigência de um ambiente (ou contexto) negativo prévio: apenas mostra que a noção de contexto (ou ambiente) não deve ser compreendida como um conceito puramente sintático, precisando, então, ser vista de modo mais abrangente.

A estranheza dos exemplos (4b) e (5b), que repetimos,

(4) (b) ? As cartas não chegam pela razão de que nem tampouco foram escritas

(5) (b) ? Não sabem nem tampouco dizer as palavras

resulta precisamente do fato de que o escopo de não e o escopo de nem tampouco são diferentes. Neste ponto de nossa exposição, podemos estabelecer não apenas que tampouco/nem tampouco apresentam restrições com relação à ordem de ocorrência (que estudávamos ao analisar os exemplos (4) e (5)), mas também impõem uma restrição de escopo.

Há ainda um contexto em que o único operador aceitável é sequer:

(8) "Não usei os vestidos uma vez sequer
(NURC/SP - D2/275:1744)

Os exemplos (8a)-(8e) mostram que nenhum outro dos operadores aqui estudados pode ocupar a mesma posição que sequer ocupa em (8):

- (8) (a) * Não usei os vestidos uma vez nem
- (b) * Não usei os vestidos uma vez tampouco
- (c) * Não usei os vestidos uma vez nem sequer
- (d) * Não usei os vestidos uma vez nem mesmo
- (e) * Não usei os vestidos uma vez nem tampouco

Como vemos, de todos os operadores aqui apresentados, sequer é o único que admite ter como escopo uma expressão que o antecede. Esta observação é reforçada pela comparação com os exemplos (8f)-(8h)

- (8) (f) Não usei os vestidos nem uma vez sequer
 (g) * Não usei os vestidos nem uma vez mesmo
 (h) * Não usei os vestidos nem uma vez tampouco¹⁴

Pela observação dos exemplos (8i)-(8l), vê-se que, como comentado, quando os operadores antecedem a expressão que têm como escopo, não há problemas quanto à aceitação dos enunciados:

- (8) (i) Não usei os vestidos sequer uma vez
 (j) Não usei os vestidos nem uma vez
 (k) Não usei os vestidos nem sequer uma vez
 (l) Não usei os vestidos nem mesmo uma vez

Os exemplos (8m) e (8n) mostram que nesse tipo de enunciado tampouco e nem tampouco apresentam as mesmas restrições já comentadas:

- (8) (m) * Não usei os vestidos tampouco uma vez
 (n) * Não usei os vestidos nem tampouco uma vez

Esses dois últimos exemplos mostram, mais uma vez, que em alguns contextos o par tampouco/nem tampouco não aceita ter como escopo uma expressão que seja diferente daquela que serve como escopo ao elemento anteriormente negado, e que é necessário à sua ocorrên-

¹⁴ Observe-se que (8g) e (8h) são aceitáveis quando produzidos com um stress entoacional sobre mesmo e tampouco. Tal leitura dos enunciados é exemplificada nos diálogos abaixo:

- (a) A - Não sei como esses vestidos se estragaram, se eu não os usei nem uma vez
 B - Eu também não sei. Não usei os vestidos nem uma vez tampouco
 (b) A - Eu estou desconfiando que você estragou os meus vestidos
 B - Juro que não fui eu. Não usei os vestidos nem uma vez mesmo

O que acontece em tais casos é que inexistem as restrições apontadas anteriormente, porque se trata de usos diferentes daqueles que estamos analisando neste trabalho. É possível que tais expressões, com tal característica prosódica, possam ser analisadas no interior da Semântica Argumentativa, na mesma perspectiva a que nos referimos a respeito de um uso muito específico de nem (como operador de afirmativo. Cf. nota 1 da Introdução).

cia¹⁵.

Há ainda uma última observação a ser feita a respeito de tampouco: os exemplos que utilizamos até aqui mostram, para além de qualquer dúvida, que esse operador co-ocorre com a negação. Em alguns contextos, porém, parece ser um pouco difícil determinar a negação com a qual se dá essa co-ocorrência. Comparem-se:

- (9) Pedro não veio, e José tampouco
- (10) Pedro faltou, e tampouco José veio
- (11) Ninguém se manifestou e tampouco houve quem escrevesse¹⁶.

15 Os mesmos efeitos são percebidos quando, no enunciado em questão, muda-se a posição dos operadores que estamos analisando e das expressões que lhes servem como escopo. Valem, aqui, as mesmas observações feitas na nota 9, a respeito do uso de stress entoacional sobre os operadores em estudo.

- (a) nem uma vez eu usei os vestidos
- (b) sequer uma vez eu usei os vestidos
- (c) * tampouco uma vez eu usei os vestidos
- (d) nem mesmo uma vez eu usei os vestidos
- (e) nem sequer uma vez eu usei os vestidos
- (f) * nem tampouco uma vez eu usei os vestidos
- (g) nem uma vez sequer eu usei os vestidos
- (h) * nem uma vez mesmo eu usei os vestidos
- (i) * nem uma vez tampouco eu usei os vestidos
- (j) * uma vez nem eu (não) usei os vestidos
- (k) uma vez sequer eu (não) usei os vestidos
- (l) * uma vez tampouco eu (não) usei os vestidos
- (m) * uma vez nem sequer eu usei os vestidos
- (n) * uma vez nem mesmo eu usei os vestidos
- (o) * uma vez nem tampouco eu usei os vestidos

16 Esses exemplos mais uma vez nos remetem às observações feitas na nota 9. Se (9) é um exemplo do mesmo tipo dos que vínhamos examinando até aqui, o mesmo não ocorre com (10) e (11). Como já fizemos notar, a exigência de um enunciado negativo prévio e a restrição relativa ao escopo da negação, para que haja a ocorrência de tampouco/nem tampouco merecem estudo mais detalhado. Nossas observações a propósito parecem conduzir à conclusão de que o fundamental é que o enunciado anterior seja produzido a partir de uma perspectiva negativa, sem o uso obrigatório de uma marca formal de negação. Nos casos em que é esta perspectiva que comanda a construção do enunciado, não se mantém, evidentemente, a restrição de escopo. Por outro lado, parece haver casos em que mesmo a existência de marcas formais de negação não é suficiente para garantir a ocorrência de tampouco/nem tampouco, e é nesses casos que parece haver, mais fortemente, a exigência de uma identidade de escopo entre tampouco/nem tampouco e a negativa que os precede. O confronto entre essas duas possibilidades é que deve revelar o real comportamento sintático e semântico desse par de operadores.

Essas observações encontram apoio na análise do par nem sempre/quase sempre, como podemos ver nos exemplos (14) e (14a):

- (14) "... os próprios bezerros nem sempre ficavam no estábulo... (a:: às vezes... ficava assim uma duas semanas depois já ia pro pasto com a mãe...)" (NURC/SP - DID/18:477)
- (a) os bezerros quase sempre ficavam no estábulo

Segundo Mourin (1984: 239), nem diante de sempre significa a "negação da totalidade do tempo"¹⁹. O que nos mostra a comparação entre (14) e (14a) é que essa negação não é exclusiva do operador nem: quase sempre também significa a "negação da totalidade do tempo". O que diferencia as duas expressões é justamente o seu papel no encaminhamento argumentativo dos enunciados em que se inserem, ou seja, mais do que "negar a totalidade do tempo", o operador nem faz com que o enunciado por ele introduzido conduza a argumentação a uma conclusão que é oposta à conclusão a que conduz o enunciado introduzido por quase.

Há ainda outras expressões, além de nem sempre e quase sempre, que representam a "negação da totalidade do tempo", de diferentes maneiras. Ao lado destas, encontramos, por exemplo, às vezes, quase nunca e nunca. Podemos dizer, então, que entre essas expressões, na verdade apenas uma - sempre - representa a "totalidade do tempo", e que apenas uma - nunca - representa a negação total dessa noção, ao passo que as demais representam negações parciais, com várias nuances.

Estabelecendo uma hierarquia entre os elementos apresentados acima, com relação ao que podemos chamar de 'indicação da frequência de um evento, no tempo'²⁰, teremos a seguinte escala:

¹⁹ O autor exemplifica com "nem sempre o diabo está atrás da porta", exemplo retirado de Silva, A. de Moraes, Grande Dicionário de Língua Portuguesa, Lisboa, T. VII, 1954, p.233b.

²⁰ Esta é apenas uma definição aproximada; não temos a pretensão, nesse como em outros pontos, de apresentar uma definição exata, como também não vamos entrar na discussão sobre os parâmetros de que se deve partir para chegar à definição de uma expressão.

```

(15)      /\
          ||
          || Sempre
          ||
          || Quase sempre
          ||
          || Muitas vezes
          ||
          || Às vezes/Nem Sempre
          ||
          || Poucas vezes
          ||
          || Quase nunca
          ||
          || Nunca
          \/

```

O que faz com que às vezes e nem sempre ocupem a mesma posição nesta representação é o fato de que ambas as expressões podem ser usadas para apontar em direção aos dois extremos da escala, isto é, tanto para introduzir enunciados em que a frequência no tempo é considerada 'alta', quanto para introduzir enunciados em que se indica que a frequência no tempo é 'baixa'. Comparem-se, para isto, os exemplos a seguir²¹:

- (16) os assessores nem sempre tinham oportunidades:
muitas vezes eles não eram ouvidos
- (a) os assessores nem sempre tinham oportunidades:
algumas vezes eles não eram ouvidos
- (b) os assessores às vezes não tinham oportunidades:
muitas vezes eles não eram ouvidos
- (c) os assessores às vezes não tinham oportunidades:
algumas vezes eles não eram ouvidos

A possibilidade de livremente encadear 'muitas vezes' e 'algumas vezes', quantificadores que indicam que a frequência com que um evento se dá é, respectivamente, alta ou baixa, mostra, como que-

²¹ Esses exemplos foram adaptados a partir de NURC/SP - 02/360:768, onde o enunciado ocorre como segue:

"(é ela quis monopolizar o serviço...) os assessores... nem sempre tinham oportunidades (agora não parece-me que ela compreendeu... a:... a engrenagem da história... que ela... tem que ser subordi/tem que se subor/bordinar AO Secretário da Justiça...)"

ríamos demonstrar, que nem sempre e às vezes são expressões equivalentes.

Há, contudo, um ponto em que tais expressões se distanciam: o seu uso em enunciados afirmativos ou negativos. Enquanto nem sempre tem sua utilização restrita a enunciados negativos - devido ao conteúdo negativo de nem -, às vezes pode ser utilizado tanto num quanto noutro tipo de enunciado. Que o demonstre a comparação dos quatro últimos exemplos com os exemplos abaixo.

(16) (d) os assessores às vezes tinham oportunidades:
muitas vezes eles eram ouvidos

(e) os assessores às vezes tinham oportunidades:
algumas vezes eles eram ouvidos.

Percebemos que a única exigência para o uso de às vezes em enunciados negativos é a anteposição do advérbio não aos verbos desses enunciados - coisa que, de resto, já parece bastante evidente.

Uma outra evidência em favor do que podemos chamar 'neutralidade' do operador às vezes é a possibilidade de encontrarmos uma ocorrência como (17)²².

(17) ... e nem sempre... algumas vezes a pessoa consegue o emprego...

Ao lado desse, encontramos exemplos como (18) e (18a), nos quais ocorre o encadeamento de enunciados introduzidos por nem sempre e às vezes. Vejam-se:

(18) nem sempre as pessoas conseguem emprego imediatamente: às vezes não é fácil

²² Esse exemplo foi adaptado de NURC/SP - DID/360:154. No inquérito em questão, o enunciado ocorre como segue:

"(todo mundo tem algum amigo... que me/que precisa... [de um emprego] que é uma pessoa ótima... que tem muita experiência... que não sei quê que eh:: tem mil e um curso tudo isso né?...) e nem sempre... algumas vezes consegue... (mas depende sempre mais:... do cliente... do que do candidato não é?...)"

(a) às vezes as pessoas não conseguem emprego imediatamente: nem sempre é fácil

Comparando os três últimos grupos de exemplos, percebemos que há uma particularidade ainda não mencionada, com relação ao uso do par nem sempre/às vezes: apesar de poderem ser vistos como intercambiáveis em alguns contextos, o segundo elemento parece ser, quantitativamente falando, algum tanto mais alto do que o primeiro²³ - que o demonstre o exemplo (18).

O mesmo que foi observado com relação ao par nem sempre/quase sempre pode ser observado para os pares nem tudo/quase tudo e nem todos/quase todos, principalmente no que se refere ao poder de inversão da orientação argumentativa dos enunciados introduzidos por esses operadores. Para isto, vejam-se os exemplos (19)-(20a):

(19) "(eu quero mostrar com isso que) nem tudo no Romantismo... por exemplo... é simplesmente... anh.: pessoalista subjetivo ou debilóide... (como a gente poderia crer)" (NURC/SP - EF/66:209)

(a) quase tudo no Romantismo é simplesmente pessoalista, subjetivo, debilóide

(20) "há algum tempo atrás nem todos aceitavam cheque" (NURC/SP - DID/243:194)

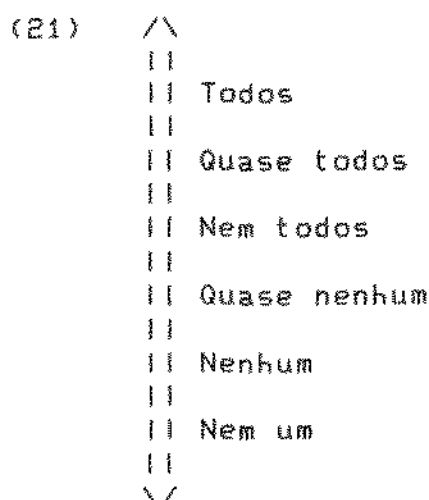
(a) há algum tempo atrás quase todos aceitavam cheque

Nesses mesmos contextos, a manutenção da orientação argumentativa do enunciado introduzido por nem é possível com o uso do operador quase e do advérbio não:

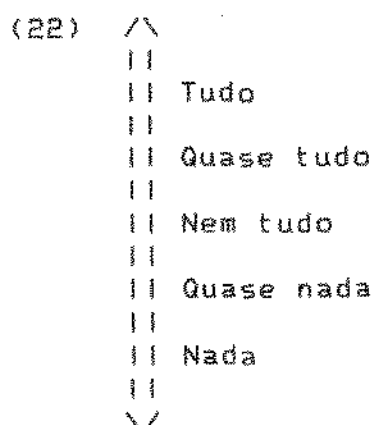
(20) (b) há algum tempo atrás quase todos não aceitavam cheque

²³ Devido ao fato de que tais expressões não se referem a quantidades objetivas, não se pode fazer mais do que usar, para referi-las, expressões vagas como 'um tanto mais alto', 'mais forte', e outras semelhantes.

A respeito de nem todos, Mourin (1984:239) diz que "há a negação da totalidade da quantidade"²⁴. Também aqui podemos encontrar outras formas de "negação da totalidade", várias delas nuançadas. Algumas das expressões que exprimem essas nuances podem ser vistas hierarquicamente dispostas em (21):



Em (22) damos um exemplo de uma disposição hierárquica da "negação da totalidade" que encontramos em nem tudo, quase tudo e outras expressões correlatas:



Sobre a diferença entre nem um e nenhum, Mourin (1984:239) afirma que "em português, o nem advérbio é empregado diante de um -

24 O autor exemplifica com "nem todos tem as mesmas partes", exemplo retirado de Silva, A. de Moraes, Grande Dicionário da Língua Portuguesa. Lisboa, T.VIII, 1954, p. 233b.

onde é mais forte do que nenhum"²⁵. Não sabemos exatamente a que o autor alude quando fala em "mais forte", mas acreditamos que se deve tratar, basicamente, de três fatos.

Primeiro, a possibilidade de intercalação dos operadores mesmo e sequer entre nem e um:

- (23) "não tem nem um estudante" (NURC/SP - D2/331:1139)
- (a) não tem nem mesmo um estudante
 - (b) não tem nem sequer um estudante

Segundo, a possibilidade de composição com itens como único, sequer e só:

- (23) (c) não tem nem um único estudante
- (d) não tem nem um estudante sequer
 - (e) não tem nem um só estudante

Terceiro, a possibilidade de uso de um no diminutivo - cf. unzinho - antecedido por nem:

- (23) (f) não tem nem unzinho

Os exemplos apresentados em (23a)-(23f) mostram, todos, diferentes maneiras de reforçar a negação presente em nem um, reforço este que não é possível quando se tem nenhum. Além disso, é possível usar sequer um ou um sequer por nem um, o que não é possível quando se tem nenhum:

- (23) (g) não tem sequer um estudante
- (h) não tem um estudante sequer

Há, porém ocorrências de "falsos" nem um, como se pode ver

²⁵ Segundo o autor, esse ponto de vista é encontrado em Dunn, J., A Grammar of the Portuguese Language, London, 1930, § 664.

em (24):

(24) "([eu sou] uma pessoa que) não sou capaz nem de mexer nem um pouco com máquina" (NURC/SP - DID/328:293)

Evidentemente, o que se tem em (24) é o operador nem agindo sobre o quantificador um pouco: o todo deve ser lido nem [um pouco], e não [nem um] pouco - o que mostra, de maneira bastante clara, a razão por que não se encontra nenhum pouco.

Temos uma última observação a fazer, e esta diz respeito a toda a discussão que fizemos nesta segunda secção. Trata-se do fato de que toda a nossa análise (e exemplificação) baseia-se em enunciados nos quais está envolvida a noção de quantificação. Isto assim se dá porque é nesse contexto que mais facilmente encontramos correlações possíveis entre nem e quase.

O operador quase pode participar de contextos em que não estão envolvidos quantificadores, mas, de qualquer forma, nesses casos cria-se uma referência à noção de gradação devida à sua presença. Vejam-se, para isto, os exemplos abaixo:

- (25) Foi um beijo quase casto
- (26) O café está quase quente
 - (a) O café está quase frio
- (27) Eu estou quase pronta
- (28) Seu trabalho está quase perfeito
- (29) O tecido é vermelho quase roxo
 - (a) Lúcia tem os olhos quase verdes

Não podemos nos esquecer de que os elementos modificados por quase são adjetivos - e adjetivos admitem gradação (ou, em outras palavras, admitem ser ordenados numa escala). A única possibilidade de utilização conjunta de quase e substantivos, até onde podemos ver, ocorre no caso de nomes de cores - os quais, não por acaso, já se referem a objetos organizados numa escala e, além disso, podem ser utilizados para qualificar.

Evidência maior de que nem não tem o poder de inverter a orientação de escalas, introduzidas por quase, que não envolvam quantificadores, é o fato de que os enunciados abaixo são, todos, inaceitáveis:

- (25) (a) * Foi um beijo nem casto
- (26) (b) * O café está nem quente
- (c) * O café está nem frio²⁶
- (27) (a) * Eu estou nem pronta
- (28) (a) * Seu trabalho está nem perfeito
- (29) (b) * O tecido é vermelho nem roxo
- (c) * Lúcia tem olhos nem verdes

embora enunciados sintaticamente semelhantes a esses possam ser construídos com a modificação da posição ocupada por nem e a introdução do advérbio não:

- (25) (b) Não foi um beijo nem casto
- (26) (d) O café não está nem quente
- (e) O café não está nem frio
- (27) (b) Eu não estou nem pronta
- (28) (b) Seu trabalho não está nem perfeito
- (29) (d) O tecido não é nem vermelho nem roxo
- (e) Lúcia não tem os olhos nem verdes

- (25) (c) Nem foi um beijo casto
- (26) (f) O café nem está quente
- (g) O café nem está frio

²⁶ É evidente que no enunciado

- (a) O café está nem quente nem frio

o que se tem não é uma inversão de escala, mas sim a exclusão de duas alternativas antagônicas, a negação de dois estados possíveis. Uma evidência adicional nesse sentido é a inaceitabilidade de (26e).

- (e) O café está quase quente quase frio

Podemos perceber, ainda, que, ao negar simultaneamente dois pontos opostos de uma escala de temperatura (o "quente" e o "frio"), nem faz o enunciado apontar para o ponto intermediário da escala (o "morno"). Como quase não tem o poder de negar, o enunciado de (b) acaba por se tornar anômalo - por ser contraditório -, uma vez que aponta simultaneamente para os dois extremos da mesma escala.

- (27) (c) Eu nem estou pronta
- (28) (c) Seu trabalho nem está perfeito
- (29) (f) O tecido nem é vermelho nem roxo
- (f') O tecido é nem vermelho nem roxo
- (g) Lúcia nem tem os olhos verdes

Todos esses enunciados [(25)-(29g)], até onde podemos perceber, não podem ser considerados como contrários aos enunciados com quase justamente porque nem não possui em si mesmo a característica de criar uma "sensação de gradação" - nos casos que, como vimos, nem reverte escalas introduzidas por quase, as características de que falamos se encontram nos elementos junto aos quais nem ocorre.

Neste capítulo estudamos, além do operador nem, outros operadores argumentativos: a) aqueles com que nem pode combinar-se ou que podem substituí-lo, e b) o operador quase, que instaura escalas argumentativas cuja orientação se dá em sentido contrário ao das escalas introduzidas por nem. O estudo desses operadores vem confirmar a análise que estamos fazendo de nem, tomando-o como operador argumentativo, na medida em que esclarece um pouco mais nossa hipótese inicial a respeito do papel semântico que nem exerce nos contextos em que ocorre (ou seja, esse estudo demonstra que nem é um item que introduz numa escala argumentativa os elementos que toma como escopo), além de mostrar um pouco melhor o modo como se dá essa introdução.

Ainda há muito o que estudar para que fiquem de fato esclarecidas as relações que se estabelecem entre todos os operadores que aqui vimos. O operador tampouco, principalmente, coloca problemas bastante interessantes para a análise. Se não fizemos um estudo mais aprofundado desse operador, isto se deveu, entre outros motivos, ao fato de que este não é o objeto de nossos interesses mais imediatos, e não caberia, neste momento, procurar fazer uma análise em profun-

didade de cada um dos operadores que se assemelham a nem.

Apenas para incentivar nossa reflexão, e para patentear a incompletude de nossa análise, acreditamos dever repetir as duas principais questões apontadas pela investigação de tampouco/nem tampouco: se por um lado a noção de perspectiva negativa de locução parece explicar as exigências para a ocorrência desse operador em grande parte dos casos em que é utilizado, por outro lado há casos em que essa noção parece insuficiente como instrumento de análise, e a exigência de identidade de escopo entre tampouco/nem tampouco e a negativa prévia parece ser um instrumento mais adequado. Acreditamos que a chave para a compreensão do problema somente poderá ser encontrada quando se fizer um estudo sintático, ao lado de um estudo semântico, desse operador, e quando soubermos mais sobre escopo de negação.

III - NEM E OUTRAS OPERAÇÕES

Nos capítulos anteriores, a partir da hipótese de que nem é um operador argumentativo, estudamo-lo inicialmente na análise de enunciados simples, comparando-o ao operador até, cuja análise semântico-argumentativa nos parece estabelecida; posteriormente, aproximamos nossa análise da análise de outros operadores, selecionados pelo fato de que com eles o operador nem pode combinar-se ou ser por eles substituído, como é o caso de sequer, tampouco e mesmo; ou porque, como é o caso de quase, as escalas organizadas por este operador apontam para conclusões opostas às conclusões para que apontam as escalas organizadas por nem, em contextos onde encontramos as noções de quantificação e gradação. Neste capítulo, estudaremos outras operações semânticas de que nem pode tomar parte: a) como forma de negação de condição ou hipótese (em nem se); b) como forma de expressão de concessão (em nem que); c) como forma de expressão da negação de uma relação conclusiva (em nem por isso); d) como forma de expressão de comparação (em que nem); e) como forma de expressão de uma operação de retificação (em nem tanto); f) como forma de expressão de exclusão de alternativas (em nem...nem). Estudaremos também, brevemente, duas questões sintáticas: a) a presença de nem em locuções negativas polares; e b) um breve exame do escopo de nem.

3.1 - NEGAÇÃO DE CONDIÇÃO OU HIPÓTESE

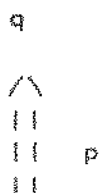
Estudando enunciados da forma se P, Q, como

- (1) Se Pedro vier, João virá.
- (2) Se te interessa saber, parto amanhã.

(3) Se aceitarmos a Carta aos Brasileiros como endereçada ao Estado Brasileiro, ela é uma afronta ao nosso país

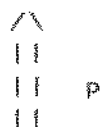
Geraldi (1978:213) propõe uma distinção entre esses tipos de enunciados, com base numa análise argumentativa, classificando-os, respectivamente, como:

"1) enunciados condicionais, [nos quais] o conteúdo "p" é o argumento decisivo para a ocorrência de "q":

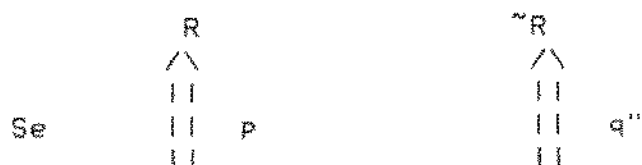


2) enunciados hipotéticos₁, [nos quais] o conteúdo "p" é o motivo, explicitado pelo falante, para a enunciação de "q":

enunciar q



3) enunciados hipotéticos₂, [nos quais] o conteúdo "p" poderia levar o interlocutor a um conclusão errônea a propósito de algo, e por isso o conteúdo "q" o re-orienta em sentido contrário:



Aceitando tal análise, ao menos em princípio, podemos verificar que nem é uma forma possível de negação dos enunciados condicionais e dos enunciados hipotéticos₂, como se pode ver em

- (1) (a) Nem se Pedro vier, João virá
 (2) (a) * Nem se te interessa saber, parto amanhã.
 (3) (a) Nem se aceitarmos a Carta aos Brasileiros como endereçada ao Estado Brasileiro, ela é uma afronta ao nosso país.

Em outra passagem, o mesmo autor, estudando as possibilidades de negação das estruturas condicionais, diz que

"Negar uma estrutura sintática da forma "se p, q" (entendendo-a como um todo) é bastante difícil. Uma pesquisa de J.C. Anscombe, citada por Ducrot (1973:263) mostra que o modo mais natural de negar "se p, q" consiste em dizer "mesmo se p, ~q" (ou "mesmo que p, ~q")". (op.cit., p.72)

Também o uso de nem permite negar as estruturas condicionais, o que confirma a análise de Geraldí: somente as estruturas hipotéticas constituídas por duas enunciações diferentes (exemplo(2)) não permitem tal forma de negação.

Assim, consideraremos em nosso estudo apenas exemplos de estruturas tipicamente condicionais, isto é, estruturas que se dividem em duas proposições, e entre as quais se estabelece uma relação de dependência, de modo que numa delas se exprime um conteúdo que é dado como condicionante do conteúdo expresso na outra, que é dito condicionado. Observando exemplos como (4)

- (4) Se o Márcio me pedir desculpas, eu volto a traba-

¹ Esta é apenas uma das caracterizações que se pode dar às orações chamadas hipotéticas (ou condicionais). Em M. Said Ali (s.d.: 187-89), encontramos as seguintes observações:

"A proposição *hypothetica* caracteriza-se pela conjunção se ou caso, caso que, dado que:
Se houver guerra ou caso haja guerra

Se ninguém morresse ou dado caso que ninguém morresse

Completa-se o sentido da proposição *hypothetica* com uma sentença principal, a qual vem expressar o facto decorrente ou dependente do facto supposto, dada a realização deste:

lhar com ele

em que a cláusula introduzida por se - P - estabelece uma condição para a realização do conteúdo expresso pela cláusula seguinte¹ - Q - podemos dizer que sua negação se dará na forma do enunciado (5)

(5) Nem se o Márcio me pedir desculpas, eu volto a trabalhar com ele

Do mesmo modo, se o enunciado em questão se apresentar sob a forma Q, se P, como vemos em (4a)

(4) (a) Eu volto a trabalhar com o Márcio, se ele me pedir desculpas

sua negação pode ser feita com o uso do operador nem, como em (5a):

Se dous angulos são iguaes a um terceiro, são também iguaes entre si

Se cessar a causa, cessará o effeito

Caso não o encontre no escriptorio, deixarei ficar meu cartão de visita

Adiar-se-á a festa, caso chova

A proposição hypothetica serve para exprimir, como nos exemplos precedentes, um facto eventual; mas pode também denotar um facto real, ou admitido como real, porém em contradicção com outro acontecimento. É linguagem usada sobretudo nas argumentações:

Pois se o reino já então era chegado, como pedimos nós ainda agora que venha? (Vieira)

Se tendes proposito de vos converter, porque não o fazeis?

Mas se era historia, como era parabola?

Como queres melhorar, se não tomas o remedio?

Se eu me contento com huma pobre pensão, razão é que me entristeça, não ouvindo o fruto do meu poupar (Sousa)

Um facto real e verdadeiro, devido a causa excepcional, enuncia-se muitas vezes sob a forma de proposição hypothetica seguida da proposição esclarecedora:

Se alcançaste o primeiro posto, deves esta felicidade ao bom empenho dos teus amigos

Se os sitiados se renderam, foi porque tinham acabado as munições

A oração iniciada pela particula se pode denotar a condição de que depende certo acontecimento. Constitue-se assim o periodo condicional, sendo condicionante a oração de se e condicionada a sentença principal. Distinguem-se os casos seguintes:

a) condicionante referida a facto inexistente ou improvavel:

Se eu tivesse dinheiro, compraria uma casa

b) condicionante referida a facto realisavel:

Se eu tiver dinheiro, comprarei uma casa

c) a condicionante exprime eventualidade:

Se queres a paz, prepara-te para a guerra" (Os grifos são do autor)

(5) (a) Eu volto a trabalhar com o Márcio nem se ele me pedir desculpas

No entanto, (5) e (5a) têm interpretações diferentes: no primeiro caso, o locutor está afirmando que "não volta a trabalhar com Márcio" embora "ele peça desculpas"; enquanto no segundo caso o locutor está afirmando que "volta a trabalhar com Márcio" mesmo que "ele peça desculpas". Ou seja, o efeito de nem é diferente segundo a estrutura esteja na forma se P, Q ou Q, se P. Com uma estrutura do tipo de (5a), para manter tanto a negação de P quanto a de Q, é necessário negar explicitamente no interior de P:

(5) (b) Eu não volto a trabalhar com o Márcio nem se ele me pedir desculpas.

Isto confirma a passagem citada há pouco, onde vimos que a forma mais natural de negar estruturas condicionais é o estabelecimento de uma relação de concessão.

Na verdade, é precisamente porque a estrutura condicional é um argumento a favor de Q, que a negação desse argumento, em consonância com as regras da negação argumentativa (ou seja, produzindo a inversão das escalas), leva à interpretação concessiva.

Uma evidência adicional em favor da correlação entre estruturas condicionais e estruturas concessivas, em função da negação das primeiras, é a impossibilidade da ocorrência de enunciados sob a forma não se P, (não) Q ou não Q, não se P:

(5) (c) * Não se o Márcio me pedir desculpas eu (não) volto a trabalhar com ele

(d) * Não volto a trabalhar com o Márcio não se ele me pedir desculpas

Evidentemente, tais exemplos se diferenciam de

(5) (e) Se o Márcio não me pedir desculpas, eu não volto a trabalhar com ele.

(f) Eu não volto a trabalhar com Márcio, se ele não me pedir desculpas.

em que os conteúdos proposicionais de P e Q é que são negativos, a relação entre eles sendo condicional.

O mesmo comportamento de nem pode ser encontrado em diálogos, em enunciados que são produzidos como resposta a uma indagação anterior:

(6) A - Você volta a trabalhar com o Márcio?

B - Se eu volto a trabalhar com o Márcio? Nem se ele me pedir desculpas!

(a) A - Você volta a trabalhar com o Márcio?

B - Nem se ele me pedir desculpas!

O que esses dois últimos exemplos evidenciam, ao lado dos anteriores, é o fato de que a negação da condição estabelecida em P é suficiente para a negação do fato condicionado. Dizer isto significa dizer que não se pode negar uma condição apresentada como argumento a favor de uma certa conclusão e, negando-se este argumento, manter a mesma conclusão. O que os exemplos fazem é apenas evidenciar a desnecessidade, em certos contextos, de uma marca explícita da negação do fato condicionado, quando já se tem a negação da condição.

É por isto que podemos dizer que a negação da condição pode ser vista como a afirmação da impossibilidade da realização do fato condicionado, já que, negando-se a condição cuja realização é dada como imprescindível para a realização de um fato, nega-se, consequentemente, a possibilidade de realização do próprio fato condicionado. É assim que (6) e (6a) podem ser parafraseados por (6b) e (6c):

(6) (b) A - Você volta a trabalhar com o Márcio?

B - De modo algum! Nem se ele me pedir desculpas

(c) A - Você volta a trabalhar com o Márcio?

B - Em nenhuma hipótese! Nem se ele me pedir desculpas

Toda nossa análise anterior se fixou na interpretação de que a negação de uma condição leva à negação de sua conseqüente, precisamente devido ao fato de que a negação produz a inversão de escalas, de modo que um argumento a favor de r , se negado, torna-se um argumento a favor de $\sim r$. Mas esta mesma análise poderá se mostrar problemática se retomarmos nosso exemplo

(1) (a) Nem se Pedro vier, João virá

e interpretarmos o conteúdo de Q como afirmativo, isto é, entendendo que a negação da relação condicional através de nem pode manter a afirmação presente em Q (ou seja, segundo essa possibilidade, em (1a) mantém-se a vinda de João), contrariamente ao que se verificou no estudo dos exemplos (4), (5) e (6), no que concerne aos efeitos da negação. Tais fatos nos colocam o seguinte problema:

nem se P , Q é uma estrutura que admite ora a interpretação afirmativa da proposição Q (a conseqüente) ora sua interpretação negativa

Por que razão ambas as interpretações são possíveis? Uma solução simples é considerar que isto depende dos conteúdos proposicionais de P e Q . Como "pedir desculpas" é usualmente um passo importante a caminho da reconciliação, P é interpretado em (5) e (5b) como um argumento utilizado a favor de r , isto é, do conteúdo expresso pela oração conseqüente, no esquema nem se P , Q , interpreta-se a negação da relação como negação de ambas as partes que compõem a estrutura. Como não se pode dizer o mesmo a propósito da "vinda de alguém", conteúdo proposicional que em si mesmo é "neutro" enquanto argumento, a interpretação de (1a) permite manter a afirmação de Q ("vinda de João", em nosso exemplo).

Há, no entanto, uma interpretação menos usual, mas possível, para os enunciados do tipo de (5), segundo a qual (5) e (5a) são si-

nônimos:

(5) Nem se o Márcio me pedir desculpas eu volto a trabalhar com ele

(a) Eu volto a trabalhar com o Márcio nem se ele me pedir desculpas.

Trata-se de uma interpretação positiva de "eu volto a trabalhar com Márcio". Como isto é possível? Novamente a questão tem a ver com a concessão: compreendendo-se o conteúdo de Q como afirmado, ("volto a trabalhar com Márcio"), P é entendido como uma concessão, sendo (5) e (5a) parafraseáveis por

(5) (g) Eu volto a trabalhar com Márcio apesar de ele me pedir desculpas.

A estranheza de (5g) não se deve, é óbvio, à estrutura do enunciado, mas sim à desqualificação do pedido de desculpas como argumento, pois, como veremos adiante, no estabelecimento de uma relação de concessão, toma-se um possível argumento contrário a Q (realização do conteúdo proposicional da oração principal), que é introduzido, por meio de um operador concessivo, como insuficiente enquanto impedimento da realização do conteúdo expresso em Q.

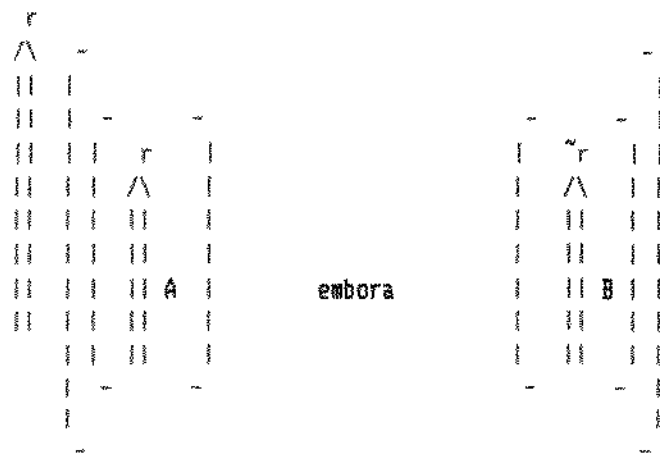
Para não ficarmos na solução simples de atribuir as interpretações aos conteúdos proposicionais, que permitiriam ora a afirmação, ora a negação de Q (embora não se possa desqualificar o contexto como fundamental na interpretação das relações semânticas entre proposições), precisaríamos estabelecer algum princípio capaz de fornecer uma resposta adequada às questões levantadas por nossa análise. É o que faremos, depois de estudarmos a própria relação concessiva, retomando o resultado de ambas as análises.

3.2 - CONCESSÃO

Existem hoje vários estudos a respeito da concessão a partir do quadro teórico da Semântica Argumentativa (cf., por exemplo, Geraldi:1981; Guimarães:1981 e 1987). Sua definição argumentativa básica é a que apresenta Guimarães (1987:111):

(i)

"X (A) embora Y (B), (embora Y, X)



O próprio autor retoma esta análise à luz dos conceitos de polifonia, afirmando:

"fazemos a hipótese de que há uma polifonia nestes recortes, e que há um enunciador (E1) responsável pela perspectiva da qual se diz A----) r, e que é a perspectiva que prevalece; por outro lado há um outro enunciador (Eo) responsável pela perspectiva da qual se diz B----)~r que é a perspectiva que não prevalece. Isto, por si, já caracteriza o sentido do jogo de direcções argumentativas do recorte em questão."(op. cit., p.116)

Esta reanálise conduz o autor ao seguinte esquema para as relações concessivas, com representação das vozes envolvidas na

enunciação:

"L - E1- ((A----)r) embora (Eo ~ E-----)~r)) ----)r"
(id., ibid.)

Examinando ocorrências como (7) e (8)

(7) "acho que a pessoa tem que ser mais discreta,
nem que tenha um corpo maravilhoso" (NURC/SP - DID/244:491)

(8) Pedro faz esta viagem nem que seja de Ônibus.

vemos que nos enunciados do tipo Q nem que P, o item nem que introduz uma cláusula na qual se apresenta um fato tomado como "contrário à ação principal, mas incapaz de impedi-la"².

Essa relação permanece inalterada se a ordem em que o enunciado se apresenta for invertida para nem que P, Q, como vemos em (7a) e (8a):

(7) (a) nem que tenha um corpo maravilhoso, a pessoa tem que ser mais discreta

(8) (a) nem que seja de Ônibus, Pedro faz esta viagem

Analisando nossos exemplos de acordo com o esquema proposto por Guimarães (citado há pouco), percebemos que, na perspectiva do locutor, haveria um enunciador Eo, que seria responsável por enunciar como

2 Cf. Cunha & Cintra (1985:572). Essa citação é parte da definição que os autores dão para as orações subordinadas adverbiais concessivas, ao tratarem das conjunções subordinativas concessivas. Segundo os autores, tais conjunções "iniciam uma oração subordinada em que se admite um fato contrário à ação principal, mas incapaz de impedi-la".

Em Said Ali (s.d.:190), encontramos uma definição um pouco mais completa e complexa: "a oração concessiva exprime um facto que, podendo determinar ou contrariar a realização de outro facto principal, deixa entretanto de produzir o esperado ou possível effeito.

Esta occorrecia secundaria pode ser supposta ou real (...)." (O grifo é do autor).

(9) Se a pessoa tiver um corpo maravilhoso pode ser indiscreta.

(10) Se for de ônibus, Pedro não viaja.

Aceitando a análise argumentativa das conjunções concessivas, podemos fazer a hipótese de que nem seja uma forma de negar tal relação. Evidentemente, este não é o caso. A locução nem que é um conectivo concessivo, do mesmo tipo de embora, apesar de, mesmo se, conquanto e outros.

O que se deve notar com mais atenção relativamente ao comportamento de nem que é o fato de que, diferentemente do que ocorre em esquemas do tipo nem se P, Q (concessão resultante da negação de uma estrutura condicional), esse item coloca problemas interessantes com relação aos casos em que se deseja negar o verbo presente em Q, como mostram os exemplos abaixo:

(11) Não volto a trabalhar com o Márcio, nem que ele me peça desculpas

(a) Nem que o Márcio me peça desculpas, eu volto a trabalhar com ele

(b) Nem que o Márcio me peça desculpas, eu não volto a trabalhar com ele

Num exame rápido do conjunto de três exemplos acima, poderíamos concluir que os três enunciados seriam paráfrases uns dos outros. E novamente, em função dos conteúdos proposicionais de P e de Q, seríamos levados a dizer que não se poderia dizer - a menos que se desejasse ser contraditório - um enunciado como (11c)

(11) (c) Eu volto a trabalhar com o Márcio nem que ele me peça desculpas

Na verdade, (11c) é ambíguo, comportando duas leituras - ainda que uma delas seja menos usual do que a outra, como já vimos quando estudamos o problema da negação das sentenças condicionais. É esta ambigüidade de (11c) que nos faz retornar à questão da correla-

ção entre esquemas condicionais e esquemas concessivos.

3.3 - CONDICIONAIS E CONCESSIVAS

Parece-nos que a diferença fundamental entre nem se e nem que deve-se precisamente ao fato de que, no primeiro caso, o que se tem é o resultado de uma negação da estrutura condicional, enquanto no segundo, nem constitui, junto com que uma locução. E este fato não é sem consequências para as interpretações dos enunciados em que os itens ocorrem.

Estabeleçamos tal diferença por passos:

(a) um enunciado concessivo (expressando uma relação entre duas proposições), implícita, na perspectiva da enunciação, a presença de um enunciador E_0 , que é responsável por um movimento argumentativo que afirma

"p é um argumento a favor de não-r";

(b) o locutor de Q nem que P (Q embora P; Q apesar de P, etc) se sobrepõe à voz do enunciador implicitado (E_0), reorientando argumentativamente o conjunto do enunciado, afirmando o contrário de E_0 , ou seja, desqualifica P como argumento suficiente para não-r e, por meio dessa desqualificação, afirma a conclusão r;

(c) nos usos correntes do enunciado condicional se P, Q, (ou do enunciado que expressa uma relação de condição entre duas proposições), prevalece a seguinte condição implícita: a não-realização de P implica a não-realização de Q. Essa implicitação, estudada pela lógica, é considerada como uma

"falácia" ("falácia da negação do conseqüente")³;

(d) a negação de um enunciado condicional, com base em esquemas do tipo nem se P, Q implica a existência de um enunciador Eo responsável pela afirmação se P, Q;

(e) a análise argumentativa das condicionais mostra que o locutor de se P, Q apresenta P como argumento para Q. A negação de tal movimento argumentativo, face às regras da negação argumentativa, introduz o sentido não Q, e isto explica a nossa primeira interpretação de

(5) Nem se o Márcio me pedir desculpas, eu volto a trabalhar com ele

segundo a qual se afirma que "não se volta a trabalhar com Márcio". Esta interpretação é resultante do fato de que nem está negando a relação de condição entre as duas proposições, o que podemos representar pelo esquema:

não (se P, Q);

(f) a segunda interpretação, segundo a qual se afirma "que se volta a trabalhar com Márcio", e que "seu pedido de desculpas não levaria a recusar a trabalhar com ele", resulta do sentido implicitado pelos esquemas concessivos, isto é, da existência de um enunciador Eo, responsável pela afirmação da relação argumentativa entre P e não-r, negada pela

3 A distinção entre enunciados condicionais e enunciados hipotéticos proposta por Geraldini (1978) pretende justamente dar conta da diferença entre os enunciados da forma se P, Q que implicam se não P, não Q, dos enunciados de mesma forma que não implicam sua contraparte negativa. Somente os enunciados que o autor chama de "condicionais" é que produzem esta implicação, enquanto os enunciados chamados de "hipotéticos" não o fazem. É o que podemos ver em

(a) Se Pedro vier, João virá (implícita: "se Pedro não vier, João não virá").

(b) Se te interessa saber, parto amanhã (não implícita: "se não te interessa saber, não parto amanhã").

concessiva. É exatamente por isto que a segunda interpretação desliza para a noção de concessão.

Há ainda outras maneiras de formar enunciados que utilizam conjuntamente as operações de condição e concessão: a primeira delas é através do emprego de nem (mesmo) + gerúndio, o que exemplificamos em (12) e (12a):

(12) Eu não volto com o Jorge, nem ele (me) pedindo desculpas

(a) Eu não volto com o Jorge, nem mesmo ele (me) pedindo desculpas

A introdução da partícula se nessas estruturas, como se vê em (12b)

(12) (b) Eu não volto com o Jorge, nem (mesmo) se ele me pedir desculpas

mostra-nos que, além de fazê-lo através de nem que, podemos combinar condição e concessão mediante a manipulação dos seguintes elementos:

$$\text{NEM (MESMO)} \left\{ \begin{array}{l} \text{se + subjuntivo}^4 \\ \emptyset + \text{gerúndio} \end{array} \right.$$

Como podemos ver no exemplo (12c), há ainda uma terceira

4 Por uma questão de comodidade, em toda a nossa discussão não utilizamos variações nos tempos do subjuntivo, em nossos exemplos. Não desejamos, porém, deixar a impressão de que em tais estruturas essas variações não ocorrem. Para tanto, vejam-se (a) e (b), que em nada comprometem o que dissemos até o momento.

(a) Eu não voltaria com o Jorge, nem (mesmo) se ele (me) pedisse.

(b) Eu não volto com o Jorge, nem que ele me peça

A única observação a fazer é que o uso do presente do indicativo, nessas estruturas, tem valor de futuro do indicativo. Tanto assim é, que (c) e (d) são plenamente aceitáveis.

(c) Eu não voltarei com o Jorge, nem (mesmo) se ele me pedir

(d) Eu não volto com o Jorge, nem que ele me peça

possibilidade de construção de enunciados semelhantes aos anteriores: mediante a utilização de mesmo + gerúndio.

(12) (c) Não volto com o Jorge, mesmo ele (me) pedindo desculpas

Esse novo exemplo nos leva a refinar a análise que vínhamos fazendo, de modo a abranger os vários elementos envolvidos na utilização conjunta de condição e concessão, o que resulta no seguinte quadro⁵:

OPERADOR CONCESSIVO	CONECTIVO	FORMA VERBAL
((Nem) (Mesmo))	se	subjuntivo
((Nem) (Mesmo))	gerúndio	
Nem que		subjuntivo

5 Nesse quadro, o uso dos parênteses em ((Nem) (Mesmo)) pretende indicar que se pode utilizar alternativamente um ou outro dos operadores, ou ainda ambos.

Vemos, também, que a utilização do gerúndio faz o enunciado prescindir do uso de conectivo. Já a locução nem que exerce, ao mesmo tempo, as funções de operador da relação de concessão e de conectivo, isto é, ao mesmo tempo em que marca a relação concessiva, marca a relação de subordinação entre as proposições.

3.4 - NEGAÇÃO DE RELAÇÃO CONCLUSIVA

Guimarães (1987:149-68)⁶, estudando estruturas do tipo

(ii) Ele é brasileiro, logo joga bem.

retoma os conceitos de "implícito do enunciado" (Ducrot:1972) e "implicatura convencional" (Grice:1975), propondo para as estruturas conclusivas uma análise semântico-argumentativa que as caracteriza "como uma relação argumentativa tal que, em construções como X logo Y, o locutor apresenta o conteúdo A de X como argumento para o conteúdo C de Y (A---->C)" (p.150). Na sequência de sua análise, incorporando os conceitos resultantes das análises polifônicas, acrescenta:

"Como parece conveniente, segundo vimos, considerar dois enunciadores na enunciação de (ii), consideraremos que todas as enunciações do tipo X logo (portanto, etc) Y são polifônicas e têm como significação

$$(iii) \quad L \left\{ \begin{array}{l} \overline{E_i \text{ -- } A \text{ ---->} C} \\ \quad \quad \quad \wedge \\ \quad \quad \quad II \\ E_j \quad \quad II \end{array} \right.$$

Considerando a significação acima para os recortes conclusivos, os seus efeitos de sentido, numa situação dada, se constituem entre outras coisas, pela especificação de i e j. Se se tem uma enunciação de (ii), por exemplo, o alocutário especifica E_j como *Ego* e E_i como *L*" (op. cit., p.156. Os grifos são do autor).

⁶ Na citação alteramos a numeração utilizada pelo autor.

Encontramos exemplos de usos de nem que realizam a negação da relação de conclusão. Como mostra o autor supra citado, (ii) implica

(iv) Todo brasileiro joga bem

A relação entre as proposições não se modifica se, em lugar de logo, utilizamos por isso:

(13) Ele é brasileiro, por isso joga bem

Podemos dizer que tanto em (ii) quanto em (13), a conexão entre as duas proposições que os compõem se dá segundo um raciocínio da seguinte forma:

(a) Todo brasileiro joga bem (premissa maior)

(b) X é brasileiro (premissa menor)

(c) . . . X joga bem (conclusão)

A introdução de nem em (13) modifica a relação entre as proposições:

(13) (a) Ele é brasileiro; nem por isso joga bem

A negação da relação conclusiva, porém, não significa que se nega a premissa maior (que é implicitada) ou mesmo a relação entre as premissas e a conclusão; antes, o que se nega é a aplicação da conclusão ao indivíduo particular de que se fala.

É precisamente a existência de tal conteúdo, atribuído a Eo (cf. Guimarães) o que autoriza o locutor a negar a aplicação da conclusão ao indivíduo particular do qual se fala. Nesse sentido, a negação de uma relação conclusiva, através de nem por isso, é uma negação descritiva, já que informa sobre X e ao mesmo tempo o subclasseifica no interior do que é tomado como o conjunto de traços definidores da expressão usada (através do que costumeiramente se chama de "conhecimento compartilhado"). Assim, em (13a) classifica-se X no

conjunto B (=de brasileiros) e, no seu interior (face à existência do conhecimento compartilhado expresso por (iv)), subclassifica-se X num subconjunto que exclui um dos traços definidores do conjunto B.

Consideremos outros exemplos do mesmo tipo:

(14) "(...) conforme... o azar teu [em Tóquio] você fica quatro horas paralisado num trânsito... (lá:: qual-quer) mas nem por isso deixa de ir" (NURC/SP - D2/343:463)

(15) "eu:: já vi muita peça de teatro... em que:: a técnica deu muita mancada... fez cair chuva em hora que devia aparecer sol... deu tiro quando o camarada puxou a faca... e nem por isso o espetáculo perdeu... o seu conteúdo... (NURC/SP - DID/161:335)

Deve-se notar que, apesar de nos dois exemplos acima, nem por isso vir precedido de mas e de e, não é necessário que seja sempre assim. Tanto é verdade que podemos ter (16) e (17):

(16) Li tudo o que você me recomendou. Nem por isso passei a entender o assunto

(17) A Mirtes me disse que vocês foram ao teatro. Nem por isso eu acho que ela passou a ser uma pessoa culta

Segundo podemos observar, as diferenças que notamos nos últimos dois pares de exemplos devem-se a diferenças que encontramos na sua organização, na modalidade oral da língua; o ponto final utilizado no último par tem como finalidade marcar uma entoação descendente, seguida de pausa longa, o que não acontece no par (14)-(15)⁷

Apresentamos, a seguir, um esquema no qual procuramos des-

⁷ Evidentemente, uma descrição mais detalhada do contorno entoacional de tais enunciados deverá levar em conta outros parâmetros - mas este não é o objeto de nossos interesses: procuramos apenas evidenciar as características prosódicas mais acentuadas, uma vez que sem o recurso à entoação não é possível compreender as diferenças na organização dos enunciados.

crever o funcionamento dos enunciados que se apresentam sob a forma P nem por isso Q:

(a) P -----> Z (onde Z significa que a ocorrência de P tem consequências específicas Y, dadas por conhecimento compartilhado, as quais se aplicam a uma situação S ou a um indivíduo I);

(b) Y =_{por def.} [a, b, c... n]

(c) nem por isso Q: expressa a exclusão de um dos elementos de Y, ou seja, sua não-aplicação a S ou I.

Podemos ver que esta é uma descrição em tudo semelhante à descrição de MAS_{PA}, que encontramos, por exemplo, em Vogt (1980:104): "Sua função é introduzir uma proposição q que orienta para uma conclusão não-r oposta a uma conclusão r para a qual p pode conduzir" (os grifos são do autor). Há, no entanto, uma diferença entre nem por isso e mas: enquanto no primeiro caso Z, implicitado por P, é dado pelo locutor como responsabilidade de um enunciador genérico E_o e cujo conteúdo, portanto, é considerado como de conhecimento compartilhado, no segundo caso, a conclusão r, para a qual P é um argumento, não é considerada como parte do conhecimento compartilhado pela comunidade onde vivem os interlocutores, mas é atribuída a um enunciador outro que não o locutor. Assim sendo, a definição de r é dada contextualmente, ao passo que Z é apresentado como válido em qualquer contexto. Isto porque em A mas B, B apresenta um argumento em favor de uma conclusão diferente da esperada (uma vez que A implica um enunciado P, que é contradito por um enunciado Q, implicado por B), enquanto em A nem por isso P, o que se tem é a exclusão de uma conclusão esperada. Em outras palavras, em A mas B, o que se explicita é B, mas o que se nega é P; em A nem por isso P, o que se explicita - e se nega, ao mesmo tempo - é P.

Comparem-se os seguintes exemplos:

(18) Maria foi ao baile, mas estava com a mãe

(19) ? Maria foi ao baile, nem por isso estava com a mãe

(19) somente pode ser compreendido se se supõe, como parte do conhecimento compartilhado, ou que 'Maria somente vai a bailes com a mãe', ou que, na comunidade de que fazem parte os interlocutores, 'moças não vão a bailes desacompanhadas das mães'. Em (18), por outro lado, a conclusão *r* para a qual 'Maria foi ao baile' é um argumento, somente pode ser estabelecida contextualmente.

É devido a essas diferenças entre os dois operadores que podemos encontrar, como em (14), a sequência mas nem por isso: nem por isso, por produzir implícitos atribuídos a um enunciador *Eo*, e dados como de conhecimento compartilhado, ocorre mais restritamente do que mas, que, por sua vez, por definir *r* contextualmente, pode ocorrer em qualquer contexto com esse movimento argumentativo, inclusive junto a nem por isso, reforçando a orientação argumentativa dada ao conjunto.

3.5 - RETIFICAÇÃO

A observação de ocorrências como (20)

(20) "a princípio [os participantes do grupo teatral] eram todos do meu curso... do meu curso nem tanto... da minha área" (NURC/SP - DID/161:176)

nos faz crer, numa primeira impressão, que o item nem tanto desempenha um papel que pode ser considerado bastante semelhante ao de expressões como "isto é" e "quer dizer": um modo de o locutor introduzir uma retificação do que foi anteriormente dito. Podemos, substituindo nem tanto pelas expressões equivalentes, tentar verificar esta primeira impressão:

(20) (a) os participantes eram todos do meu curso, isto é, da minha área

(b) os participantes eram todos do meu curso, quer dizer, da minha área

Vemos, porém, que, mais do que mostrar uma operação de retificação os exemplos evidenciam algo além: isto é e quer dizer, não produzem o mesmo efeito que nem tanto porque são expressões que o locutor utiliza para substituir, com o que lhes segue, a expressão anteriormente usada, mudando sua referência. Trata-se, nestes casos, de uma retificação "de re". Com nem tanto, o locutor mantém a expressão, tornando-a mais precisa: trata-se de uma retificação "de dicto". Comparem-se:

- (21) (a) João, quer dizer, Maria foi ao cinema
 (b) * João, nem tanto, Maria foi ao cinema

Consideremos um outro exemplo:

(22) "Os surfistas alegam que viajar em cima dos trens é muito mais confortável. (...) Num espaço intermediário entre eles e o passageiro comum encontram-se outras pessoas, que viajam penduradas nas janelas e portas, sempre nas laterais, nunca no alto do vagão. São conhecidos como "pingentes", que também gostam de viver perigosamente, mas nem tanto"⁸.

Observando (22), percebemos que o que se tem é uma estrutura de comparativo do tipo ...tanto...quanto..., em que o segundo elemento da comparação (bem como o item que o introduz) está elíptico e, com a negativa do primeiro, nega-se a presunção de que os elementos (ainda que comparáveis) possuam o mesmo estatuto. Podemos dizer, então, que

⁸ Trecho retirado da Revista Veja, ano 23, nº 42, edição 1153, de 24 de outubro de 1990. As aspas em "pingentes" são do autor. Segundo a descrição feita pela reportagem, os "surfistas" ("surfistas ferroviários") são "personagens mundialmente conhecidos por seus malabarismos. (...) penetram clandestinamente na linha por buracos nos muros da ferrovia (...) e, com uma agilidade impressionante, saltam para o topo das composições, com pulos rápidos, enquanto o trem já está em movimento".

o que se nega é justamente a igualdade supostamente estabelecida pelo uso da estrutura tanto...quanto.... Podemos dizer, ainda, que com isto o que se afirma é uma desigualdade.

Vejamos, agora, um novo exemplo da utilização desse tipo de estrutura, e uma tentativa de parafraseá-lo, substituindo nem tanto por isto é e quer dizer:

(23) "eu ando muito de ônibus... daqui para o Rio... hoje nem tanto mas há algum tempo atrás andava bastante ..."
(NURC/SP - D2/255:161)

(a) eu ando muito de ônibus daqui para o Rio, isto é, há algum tempo atrás eu andava bastante

(b) eu ando muito de ônibus daqui para o Rio, quer dizer, há algum tempo atrás andava bastante

Podemos ver que a substituição das expressões de retificação não se mostra capaz de manter a significação do enunciado original porque é necessário eliminar vários elementos e não apenas substituí-los, uma vez que o locutor de (23) faz uso de intensificadores e os combina com os tempos dos verbos, características que isto é e quer dizer não mantêm. Assim, ao empregar nem tanto em (23), o locutor pretende retificar o que disse, com o objetivo de tornar mais precisa a informação, sem, com isso, negar que "anda muito de ônibus, ainda hoje". Na verdade, a substituição de nem tanto por qualquer outro operador de retificação perde a comparação que subjaz aos enunciados que estamos estudando:

(a) em (22), há uma comparação entre 'o perigoso estilo de vida dos pingentes' e o 'perigoso estilo de vida dos surfistas';

(b) em (23), há uma comparação entre 'o tempo presente' e 'um tempo anterior'.

A análise desses exemplos, em que nem nega uma comparação de igualdade, anteriormente afirmada - ou antes, implicada pela pre-

sença de nem tanto - confirma que esta expressão, diferentemente de 'quer dizer' e 'isto é', é empregada como forma de retificação "de dicto".

Uma análise possível seria considerar que em todas as ocorrências de nem tanto há uma comparação implícita, inclusive em nosso exemplo (20), parafraseável por:

(20) (c) os participantes eram todos do meu curso. Do meu curso nem tanto quanto se pode supor pelo uso de "do meu curso", já que eram da minha área

Acreditamos poder unir as duas análises parciais que apresentamos para nem tanto, compreendendo que o que se retifica é justamente o fato de terem sido colocados como igualmente comparáveis dois elementos que não o são (ou que são julgados, pelo locutor, como não comparáveis). Sendo assim, podemos dizer que o papel de nem na expressão nem tanto pode ser visto não como o de um introdutor de retificação, mas como uma forma de negar uma comparação de igualdade. Note-se que nem não nega a comparação em seu todo, mas sim sua justeza. Deve-se notar, ainda, que o fato de ser nem o elemento mais frequentemente utilizado para essa forma de negação não se dá por acaso: também a comparação de igualdade (cf. Vogt 1977) é uma operação argumentativa e, como tal, sua negação se faz por um elemento que também seja capaz de promover um movimento argumentativo. Comparem-se, com as estruturas anteriores, as seguintes:

(20) (d) os participantes eram todos do meu curso. Do meu curso não tanto da minha área

(22) (a) os pingentes são pessoas que também gostam de viver perigosamente, mas não tanto

(23) (c) eu ando muito de ônibus daqui para o Rio. Hoje não tanto, mas há algum tempo atrás andava bastante

Evidentemente, não pretendemos dar a entender que em tais enunciados não seja possível a utilização de não tanto, mas apenas fazer notar que a escassez de exemplos⁹ nos leva a decidir pela análise acima.

3.6 - COMPARAÇÃO

Com relação à comparação estabelecida por que nem, Vogt (1977:198), ao criticar as análises de Milner sobre o modo como se dá a comparação no indo-europeu, diz que

"... em português, para todas as expressões do tipo doce como mel (...) que são, de toda a evidência, expressões feitas e de um tipo proverbial e, onde, segundo sua [de Milner] análise o segundo termo deve ser considerado como exemplar quanto à qualidade comparada, podem-se encontrar expressões paralelas e de uso muito comum, do tipo: doce que nem mel, feio que nem assombração, forte que nem um touro, esperto que nem um macaco, etc."

Em nota de rodapé, esse autor acrescenta:

"O comparativo que nem evidencia, na igualdade, a presença de uma oposição (pelo valor negativo de nem) entre os dois termos comparados, aproximando-a das outras duas formas de comparativo. A combinação de que nem mesmo mostra, com toda força, que a igualdade já é sintoma de uma diferença, argumentativamente falando, porque agora tais enunciados

⁹ Não encontramos um único exemplo, entre os dados consultados, de utilização efetiva de não tanto em enunciados.

significam necessariamente
 mais doce que mel
 mais feio que ass assombração
 mais forte do que um touro, etc"

A análise de Vogt, secundada por outras análises do comparativo de igualdade¹⁰, parece aplicar-se eficazmente aos casos por ele analisados (ou seja, "expressões feitas e de um tipo proverbial"), mas não a todas as possibilidades de uso do operador que nem. No caso de "expressões feitas e de tipo proverbial", de fato o elemento básico (o segundo termo da comparação) é conhecido pela excelência quanto à qualidade comparada, ou seja, é "o melhor exemplo" que se pode arrolar como parâmetro da qualidade comparada. Nos casos em que não se tem uma expressão feita ou proverbial como

(24) "então eu acho que cê tem... diversos tipos [de sementes para a agricultura]... hoje... que nem nós ... pra venda" (NURC/SP - DID/93:507)

(25) Fale com o Roberto: é que nem falar comigo

(26) "[um colega meu] era comilão que nem esta daqui (NURC/SP - D2/275:1174)

não se tem um movimento argumentativo que poderia ser descrito como ultrapassar (literalmente) para igualar (figurativamente).

Nos exemplos (24) e (25) não há qualidade a ser comparada. Mas em (26), não podemos dizer que a utilização de que nem instaura o segundo elemento como modelar quanto à qualidade comparada.

Acreditamos, ainda, que nossos exemplos são parafraseáveis por:

¹⁰ Anscombe & Ducrot (1976:10-12), ao analisarem o enunciado 'Pierre est aussi grand que Marie', mostram que, argumentativamente falando, esse comparativo marca, na verdade, não uma igualdade, mas uma diferença, por significar apenas que Pierre não é menor que Marie ou, em outras palavras, porque o máximo que se pode dizer sobre 'aussi grand que' (tão alto/grande quanto) é que significa 'maior ou igual'. Assim, concluem os autores, o chamado comparativo de igualdade é marca não de uma igualdade, mas sim de uma diferença (para os efeitos argumentativos, bem entendido).

(24) (a) eu acho que existem diversos tipos de sementes para a agricultura, exatamente como nós temos, para venda

(25) (a) Fale com o Roberto: é exatamente o mesmo que falar comigo

(26) (a) Um colega meu era comilão exatamente como esta daqui.

Se é possível utilizar o item 'como', que marca no enunciado o comparativo de igualdade, conjuntamente com 'exatamente', cujo papel é o de marcar, para além de qualquer dúvida, a exatidão da comparação feita (ou, ao menos, o julgamento de exatidão por parte do locutor), é possível então, considerar que nem um operador de comparação de igualdade, do mesmo tipo de como, que não tem sido analisado como operador argumentativo.

Com isso podemos resolver problemas que de outro modo surgiriam na análise de enunciados do tipo de (27):

(27) Dizer que não gosta de cigarro é que nem dizer pra eu sair daqui porque estou fumando

Há, evidentemente, uma diferença entre que nem e outros operadores utilizados em comparações de igualdade. Esta diferença diz respeito a questões de registro ou variedade dialetal (coisa de que não nos ocupamos neste trabalho). A questão que nos resta é perguntar se o esquema de comparação de igualdade com que nem funciona argumentativamente da mesma forma que a comparação construída com "tão ... quanto", analisada por Vogt (1977).

Os contextos analisados por Vogt envolvem comparação entre qualidades, como

(28) João é tão alto quanto Pedro.

Os adjetivos que expressam qualidades sempre admitem uma variação: sempre se pode dizer que a qualidade X se aplica com maior ou menor propriedade a um determinado indivíduo, de uma determinada classe. Obviamente, não é isso o que ocorre em casos como o exempli-

cado em (25) (aqui repetido para facilitar a leitura):

(25) Fale com o Roberto: é que nem falar comigo

Esta primeira aproximação nos leva a considerar que que nem não é um operador argumentativo, o que parece estranho, pois apenas nestes contextos uma expressão tipicamente argumentativa como nem apareceria sem produzir qualquer efeito do tipo argumentativo.

Não nos parece, no entanto, que se possa atribuir qualquer "efeito de sentido" argumentativo a essa locução, além do que é produzido pela própria comparação de igualdade, no sentido já mostrado por Vogt. Isto nos leva a testar nossa análise, como o faz Vogt, contextualizando os nossos exemplos que não envolvem atribuição de qualidades, visto que para esses contextos existe uma análise já estabelecida.

Retomemos nosso exemplo (25), contextualizando-o de quatro formas:

(25) (a) Fale com Roberto: é que nem falar comigo. Eu e ele somos os responsáveis pela questão

(b) Fale comigo: é que nem falar com Roberto. Eu e ele somos os responsáveis pela questão

(c) Eu e Roberto somos os responsáveis pela questão. Fale com ele: é que nem falar comigo.

(d) Eu e Roberto somos os responsáveis pela questão. Fale comigo: é que nem falar com ele.

Como se pode notar, parece não haver qualquer restrição para o uso de que nem do ponto de vista de uma possível orientação argumentativa. Acrescente-se, ainda, que a presença de nem nesses contextos também não parece introduzir qualquer sentido de negação (o que acontece nos outros contextos, ainda que tais negações possam ser apenas implícitas). Esses fatos aproximam esse esquema de comparação a outros esquemas semelhantes, que também parecem não conter qualquer torneio do tipo argumentativo, no sentido de sua inclusão

"na própria estrutura do enunciado"¹¹:

(29) João tem a mesma altura que Pedro.

3.7 - EXCLUSÃO DE ALTERNATIVAS

Tomando um enunciado da forma (ou) P ou Q, como exemplificamos em

(30) um filho de uma amiga minha queria ir ou para a Politécnica ou para o ITA

em que são apresentadas duas alternativas mutuamente excludentes (isto é, se uma delas se efetiva, a outra não), podemos dizer que sua negação se dará como exemplificado em (30a):

(30) (a) "um filho de uma minha amiga... (entrou com nota muito boa... na Politécnica... no ITA... e no Mackenzie ... e) não queria ir :: nem à Politécnica nem no ITA"
(NURC/SP - DID/242:292)

O uso de nem em lugar de ou (o que torna os enunciados negativos) tem como efeito não somente a apresentação de alternativas, mas, mais do que isto, a negação, simultânea à apresentação, dessas mesmas alternativas, isto é: apresentam-se duas alternativas para que se mostre que nenhuma delas se realiza.

Isto pode ser visto nos exemplos abaixo:

(31) "esse novo tipo de demanda... que não é nem para-transações nem para precaução... é por um terceiro motivo"

¹¹ Cf. D. Ducrot (1973:225)

(NURC/SP - EF/388:373)

(32) "uma dificuldade tremenda [não dava] nem pra mastigar... nem pra engolir... nem pra falar... nem pra:: soprar"(NURC/SP - D2/275:73)

(33) "[nesse regime não se come] nem frango nem peixe... nem nada (NURC/SP - D2/275:255)

(34) Essa geração de vocês é muito sem graça: vocês não bebem, não fumam, e (acho que) nem transar vocês (não) transam.

(35) "[na] música moderna ... nem a letra satisfaz... e nem mesmo a :: música... do ponto de vista melódico.

(NURC/SP - DID/214:224)

Em (31) são negadas duas alternativas para que seja apresentada uma terceira, esta sim considerada válida; em (32), em (33) e em (34) não só se excluem alternativas, mas a sequência dos próprios itens lexicais é responsável por uma hierarquização das alternativas excluídas, o que produz o efeito de exclusão de quaisquer outras alternativas não citadas (note-se, aliás, que o exemplo (33) acaba por nem nada), enquanto a presença de mesmo no exemplo (35) mostra a hierarquização entre as alternativas excluídas.

Podemos dizer, a respeito dos exemplos apresentados até aqui, que, não havendo hierarquia entre os itens lexicais, o esquema nem ... nem coloca todas as alternativas num mesmo patamar da escala argumentativa, nos casos em que essa escala não é dada pelo esquema nem ... nem mesmo. Há, no entanto, outras ocorrências onde se combinam outros operadores de conjunção ou de alternância, em que aparece nem. Nestes casos, nem produz uma escala entre as alternativas excluídas, e por isso sempre ocorre antes da última delas, com o que ela é apresentada como a mais alta na escala. Veja-se, para isto:

(36) "não puseram::... fungicidas e:: herbicidas nem:: coisa nenhuma" (NURC/SP - DID/208:139)

Comparem-se, agora, o exemplo acima com os exemplos abaixo:

(36) (a) não puseram fungicidas ou herbicidas nem adubo químico

(b) não puseram fungicidas e herbicidas e nem mesmo adubo químico

(c) * não puseram fungicidas nem herbicidas e adubo químico

(d) * não puseram fungicidas nem herbicidas ou adubo químico

Esses exemplos nos mostram que a análise do movimento que chamamos de exclusão de alternativas confirma a análise que fizemos de nem no primeiro capítulo, no sentido de que aqui também se mostra que nem produz uma escala entre elementos (neste caso, entre elementos excluídos). Nos casos em que se tem nem A nem B, e não se tem qualquer indício de organização hierárquica entre A e B, podemos dizer que A e B são postos, pelo locutor, num mesmo patamar, na escala argumentativa a que pertencem.

Entre nossos dados, encontramos uma ocorrência que aparentemente contraria nossa análise:

(37) "todo médico alopata não quer nem saber de homeopatia ou de qualquer dessas novidades" (NURC/SP - D2/22: 1345(28))

Examinando mais detidamente o enunciado, no entanto, notamos que o que ocorre é que nem toma como argumento uma proposição P que contém uma alternativa expressa por ou, e não que são excluídas duas alternativas, introduzidas, respectivamente, por nem e ou.

O mecanismo de exclusão de alternativas ainda pode ser encontrado em diálogos, como vemos em (38):

(38) "L₂ [os seus filhos são] filhos da pílula, não? ((risos))

L₁ não... ((risos))

L₂ nem da tabela? ((risos))"

(NURC/SP - D2/360:10)

O interessante deste tipo de ocorrência é que a exclusão de alternativas se constrói na fala de dois locutores. O locutor L2, no contexto de uma resposta negativa de seu interlocutor, poderia ter usado uma conjunção do tipo e (= "e da tabela?"). Ao usar nem, o próprio locutor indica uma resposta negativa a seu interlocutor, que é a resposta por ele esperada.

Ainda podemos encontrar esse mecanismo em expressões feitas, como exemplificam:

(39) Nem por amor nem por dinheiro

(40) Nem aqui nem na China

No primeiro caso, trata-se da exclusão de duas motivações possíveis para uma determinada ação - e note-se que "amor" e "dinheiro", em nossa cultura, são julgados como duas fortes motivações. A exclusão de dois elementos apresentados como mutuamente excludentes (recuperando um julgamento do senso comum de nossa cultura) e, ao mesmo tempo, como elementos altamente motivadores de ações (nessa mesma cultura), apresentados pelo esquema nem ... nem, acaba por excluir qualquer motivação possível. Já em (40) o que temos é a exclusão de dois mundos possíveis: um o mundo real ("aqui"), e um mundo imaginário, distante, improvável (expresso por "China", em nossa cultura). Contextualizadas, estas expressões feitas parecem concessões, mas na verdade elas excluem qualquer possibilidade (e não apenas alguma possibilidade, vislumbrada pelo locutor como um possível argumento contrário ao que se expressa na proposição principal e que, pela concessão, é desqualificado como argumento suficiente - como vimos nas primeiras seções deste capítulo). Como se pode notar em

(41) Eu não faço isso nem aqui nem na China
nem por amor nem por dinheiro

o locutor não está simplesmente excluindo algum argumento que poderia ser usado em sentido contrário ao que defende: na verdade, ele exclui, através de duas alternativas escolhidas "a dedo" qualquer argumento possível contrário ao que pretende.

3.8 - LOCUÇÕES NEGATIVAS POLARES

Ilari (1984), estudando locuções de polaridade negativa, propõe uma interpretação de tais expressões, segundo a qual a compreensão de seu funcionamento está intimamente ligada à noção de escalaridade:

"...abrir a boca e muitas outras expressões que aparecem associadas à negação são locuções que aparecem no ponto mais baixo de uma escala argumentativa: como cada um dos pontos mais altos da escala implica todos os pontos mais baixos, negar o ponto mais baixo é uma maneira de excluir todos os argumentos ao longo da escala. Compreende-se assim, para algumas locuções ao menos, por que elas aparecem associadas com a negação: negar o ponto mais baixo da escala é uma maneira não standard mas eficaz de generalizar a negação a todos os termos da escala". (op, cit., p.95)

No que tange ao tema de nosso estudo, não importa retomar toda a análise das locuções negativas polares, mas somente estudar, no seu interior, algumas que, muito embora sejam "expressões idiomáticas", admitem a presença de nem¹²:

(42) Ele não deu (nem (mesmo)/sequer/nem sequer) um pio

¹² Os exemplos apresentados em (42), (43)/(44) e (46) foram todos adaptados de Ilari (1984).

Ele não sofreu (nem (mesmo)/sequer/nem sequer) um arranhão

Ele não disse (nem (mesmo)/sequer/nem sequer) uma palavra

Ele não mexeu (nem (mesmo)/sequer/nem sequer) um dedo

A questão curiosa nestas situações é a possibilidade da presença de operadores como nem (mesmo), sequer e nem sequer. Estaríamos autorizados a concluir, a partir desses exemplos, que há alguma contribuição semântica destes operadores em contextos de expressões idiomáticas? Haveria alguma diferença entre (43) e (44)?

(43) Ele não mexeu um dedo

(44) Ele não mexeu nem um dedo.

Do ponto de vista argumentativo, a expressão como um todo é já uma forma de negação de toda a escala (cf. Ilari, 1984). A "inserção" de nem ((mesmo)/sequer/nem sequer) em tais contextos não alteram esta interpretação. Cremos que essa possibilidade advém do fato de que o SN que segue ao verbo é o que se toma como "mínimo" e, por isto, a "inserção" dos operadores é apenas um reforço da negação já expressa pelo todo.

Evidentemente, essas expressões, ainda que idiomáticas, admitem uma certa variação em sua ordem, como se pode ver em

(45) Nem ((mesmo)/sequer/nem sequer) um dedo ele mexeu
Um dedo sequer ele mexeu.

Este é, sem dúvida, um fato curioso com relação às expressões feitas: face à possibilidade de mudanças em sua estrutura sintática, pode-se dizer sobre as locuções negativas polares - ou ao menos sobre algumas delas - que sua interpretação semântica é que é "fixa".

Ainda em relação a essas locuções e suas combinações com o operador que estudamos, devemos acrescentar o fato de que há expres-

sões tipicamente negativas polares que, diferentemente daquelas que vimos rapidamente nas últimas linhas da secção anterior, constroem-se com apenas um elemento seguindo nem, como

- (46) Nem sonhando
Nem de brincadeira
Nem com reza brava

Também há expressões que são construídas com uma "frase feitas" depois de nem, como

- (47) Nem que a vaca tussa
Nem que chova canivete

Mais uma vez, reencontramos possíveis interpretações contextuais "concessivas"; porém, mais uma vez vemos que não é este o caso: usando uma locução negativa, o locutor não concede que haja um possível argumento contrário à tese que defende, e que ele desqualifica pela concessão, mas argumenta de forma a implicitar que inexistente argumento possível contra sua tese.

Aqui estamos apenas apontando uma possibilidade de análise, sem qualquer pretensão de exaustão. Estas observações preliminares, no entanto, são suficientes para confirmar a análise que vimos fazendo de nem como um operador argumentativo.

3.9 - NEM E A NEGAÇÃO: QUESTÕES SOBRE ESCOPO

Como nossos exemplos vêm mostrando, nem tanto pode ter como seu escopo um constituinte da proposição quanto a proposição como um todo.

Tomando como exemplo o seguinte conjunto de sentenças¹³

- (48) (a) Nem Carlos sabe disso
 (b) Carlos nem sabe disso
 (c) Carlos não sabe nem disso

Ao que tudo indica, o escopo de nem é o constituinte que lhe segue¹⁴. É interessante, no entanto, notar que:

(a) (48a) implica uma negação: seu locutor diz também que "outros não sabem disso" e diz que "o surpreendente é o fato de Carlos se incluir entre os que não sabem". Neste sentido, nosso exemplo (48a) deve ser analisado do mesmo modo como são analisadas as ocorrências que tomamos como ponto de partida deste estudo (v. capítulo 1);

(b) em (48b) não há a implicação de que "outros sabem" ou de que "outros não sabem". Nesse caso, em nossa interpretação, afirma-se (em termos de conteúdo proposicional) o mesmo que se afirma em "Carlos não sabe disso", mas de forma polêmica, ou seja, o locutor de (48b) implícita que, entre seus interlocutores, existe alguém que supõe que "Carlos sabe disso". Parece-nos que nessa negação polêmica, mais do que analisável a partir dos conceitos de escalaridade (que se prestam para o estudo de outras ocorrências de nem) é o jogo de vozes (cf. a noção de polifonia) o mais interessante. Deve-se notar, também, que nesse jogo de vozes, está em curso um processo argumentativo;

(c) (48c) implica que "Carlos não sabe outras coisas". A negação, evidentemente, não é universal. Segundo entendemos, seu locutor não pretende afirmar que "Carlos não sabe nada",

13 Evidentemente, esse conjunto admite mudanças de ordem, mas não é a questão da ordem sintática que vai interessar neste trabalho.

14 Não privilegiamos, nos exemplos que utilizamos, nesta seção, situações em que esse constituinte é uma proposição, de que seriam exemplos as situações de negação de relações condicionais (ver 3.1); as concessivas introduzidas por nem que (ver 3.2) e as relações conclusivas (ver 3.4).

mas sim que "o que Carlos sabe não vem ao caso para o assunto de que se fala na situação de interlocução". É o conjunto tematizado pela interlocução que importa, e ao dizer que "Carlos não sabe disso", nega-se que Carlos tenha conhecimento sobre o restante do conjunto. Reencontramos, portanto, um uso escalar de nem, tal como aqueles estudados no primeiro capítulo deste trabalho.

O estudo de relações semânticas entre proposições e o estudo de várias operações semânticas (como a construção de expressões idiomáticas e as operações de negação) nas quais nem pode ocorrer, independentemente de estudos mais aprofundados de cada uma destas questões e de sua combinação com um estudo do item de que nos ocupamos, permite-nos concluir:

(a) um estudo de nem não pode deixar de levar em conta o fato de que este elemento introduz, nos enunciados de que participa, um jogo argumentativo;

(b) nem é um operador argumentativo que introduz um argumento alto na escala por ele próprio instaurada/organizada;

(c) sendo negativo, em muitos dos contextos em que ocorre, a negação com nem nega toda a escala;

Nossa seleção dos tópicos estudados não foi aleatória. Verificamos a possibilidade de nem se combinar com outros elementos para produzir um operador (como é o caso de nem que) e casos em que, se uma primeira análise poderia nos levar a concluir que nem se combinava com outros elementos para produzir uma locução, uma análise um pouco mais detalhada mostrou que de fato, nesses casos, nem é usado

para negar as relações semânticas expressas pelo operador junto ao qual ocorre (como é o caso de nem se, de nem tanto e de nem por isso).

Creemos que algumas de nossas análises dessas correlações poderiam ser aprofundadas, especialmente as correlações entre nem e as expressões de condição e concessão, e as correlações entre nem e as expressões de comparação de igualdade. Um tal trabalho nos parece uma continuidade necessária, tanto para os estudos das condicionais, concessivas e comparativas, quanto para um estudo mais detalhado das contribuições semânticas do operador nem.

IV - CONCLUSÃO

Para concluir nosso trabalho, apresentaremos a seguir uma proposta alternativa de análise, que consiste em ver em nem um introdutor de implicaturas convencionais (cf. Grice:1975). Essa proposta tem por origem estudos do inglês que procuram dar a even - um item lexical cujo comportamento parece ser bastante semelhante ao de nem - tal caracterização. Faremos uma exposição bastante breve, de vez que o nosso interesse é apenas apontar alguns problemas que tal análise traz para o nosso trabalho.

Discutindo os limites entre a Semântica e a Pragmática, e o lugar da noção de pressuposição nessas duas teorias, Ruth Kempson (1975) estabelece alguns parâmetros de análise linguística, com o objetivo de melhor compreender a natureza das relações estudadas tanto pela Semântica quanto pela Pragmática: à primeira cabe tudo aquilo que diz respeito às relações de significado - dêem-se essas relações entre itens lexicais, dêem-se entre sentenças -, enquanto a segunda trata de tudo o que pode ser compreendido sob o rótulo de 'situação de fala', isto é, (principalmente) o que depende das relações que se estabelecem entre falante e ouvinte.

Para a autora, é importante o estabelecimento de limites claros entre a Semântica e a Pragmática porque, segundo seu ponto de vista, a análise das relações de significação entre as sentenças e os itens lexicais não deve incluir elementos como as "disposições do falante", mas apenas características intrínsecas aos itens lexicais e às sentenças.

É assim que Kempson opta por uma teoria semântica que exclua o estudo dos fatores situacionais - o que, segundo ela, deverá ser feito pela Pragmática.

Assim postas as coisas, resta à autora um problema a resolver: como dar conta de itens lexicais tais como even, que não modificam o valor de verdade das proposições em que se inserem mas, sem

dúvida, contribuem para o significado dessas mesmas proposições.

Para apresentar essa discussão, reportar-nos-emos ao operador nem, que apresenta, para o português, problemas análogos aos que even coloca para o inglês.

Uma sentença como

- (1) "Nem confessar pra casar precisa" (NURC/SP - D2/22: 613)

apresenta pelo menos três implicações¹ devidas à presença de nem²:

- (2) (a) Não é necessário confessar para casar
 (b) Não é necessário tomar outras providências para casar (providências essas que se esperaria fossem necessárias)
 (c) É surpreendente a desnecessidade da confissão antes do casamento.

Acompanhando a análise de Kempson (1975: 200 e segs.) e de Fraser (1971: 152 e segs.), podemos dizer que a primeira parte da interpretação - (2a) - é claramente a principal asserção da sentença presente em (1), e permanecerá inalterada se nem for substituído pela "negação neutra" não.

1 O termo 'implicação' não está sendo usado em seu sentido lógico, mas no sentido que tem em inglês o verbo 'imply'.

2 Nesse momento já estamos acompanhando a análise de Fraser e a de Kempson. O enunciado que ambos utilizam como exemplo é 'Even Max tried on the pants'.

Segundo o primeiro, "a interpretação [do enunciado] tem pelo menos três partes:

(a) Max experimentou as calças
 (b) Outras pessoas experimentaram as calças
 (c) O falante não esperaria ou não esperaria que o ouvinte esperasse que Max tivesse experimentado as calças" (op. cit., p.152).

Para Kempson, "[essa sentença] tem duas implicações que se devem especificamente à presença de even:

(a) Outras pessoas experimentaram as calças
 (b) Não se esperaria que Max experimentasse as calças" (op. cit., p. 200).

É ao caráter de contra-expectativa, apontado pelos dois autores, que vamos chamar de reação de surpresa do locutor (ou do interlocutor) diante do fato presente no enunciado introduzido por nem.

Além disso, as implicações (2b) e (2c) não estão logicamente relacionadas a (1), uma vez que, se essa sentença fosse enunciada numa ocasião em que (2b) e (2c) não fossem verdadeiras, poderia ainda ser verdadeiro - mesmo que estranho - dizer (1). O que é perturbador é o fato de que, se as coisas são assim realmente, as condições para a verdade de (1) e de (2a) são exatamente as mesmas. Ao que parece, teremos, então, de tomar (1) e (2) como sinônimos - bem como

(3) Não precisa nem confessar pra casar

o que nos levará a perceber nem como um item destituído de significado.

Se por um lado essa afirmação parece contra-intuitiva, por outro ela revela uma característica de nem (e outras partículas semelhantes): a contribuição que esse item faz para o significado das sentenças é de um tipo diferente da contribuição feita pela maioria dos itens lexicais.

Segundo Kempson, "poder-se-ia esperar que as implicações do tipo de (2b) e (2c) constituíssem implicaturas convencionais" (op. cit., p.200), uma vez que "certamente não são deriváveis, de qualquer modo, via máximas [conversacionais][griceanas]". Contudo, a própria autora desautoriza tal análise, ao afirmar que "[essas implicações] são, em certa medida, canceláveis".

O problema está em saber de fato se tais implicações são mesmo canceláveis e, em sendo assim, se esse cancelamento compromete a análise das sentenças que contêm nem. Consideremos a sequência seguinte:

(4) Realmente não é mais necessário muita formalidade para o casamento na igreja. Não é necessário o curso de noivos, não é necessária a primeira comunhão ou a crisma. Nem confessar pra casar precisa. Mas, de fato, isto não é surpreendente, já que a igreja atualmente vem tentando fazer com que cada vez mais pessoas participem de seus rituais.

Seguindo a análise que Kempson faz de even, deveríamos agora verificar que está sendo cancelada a implicação de surpresa diante do fato relatado no enunciado introduzido por nem - e, verdadeiramente, não podemos deixar de ver que algo está sendo negado. O que não podemos dizer, contudo, é que essa negativa signifique um cancelamento da implicação de surpresa: parece-nos, antes, que o locutor de (4) antecipa uma reação de surpresa da parte de seu interlocutor para, em seguida, negar a legitimidade dessa reação - mas, jamais, a reação em si mesma, uma vez que reações não podem ser objeto de negação.

Se essa intuição está correta, então devemos revisar a formulação das implicações que nem introduz nos enunciados em que é utilizado, de modo a dar conta da possibilidade do cancelamento de uma parte dessas implicações. Nossa sugestão é de que o novo quadro tenha a seguinte forma:

(5) Dado um enunciado do tipo 'nem P', verificam-se, nesse enunciado, três características semântico-pragmáticas devidas à presença de nem:

- (a) nem P tem o mesmo valor de verdade de não P;
- (b) P é introduzido numa escala argumentativa, de um modo tal que sua negação através de nem P significa a negação dos demais enunciados da mesma escala;
- (c) o locutor de nem P autoriza seu interlocutor a concluir por uma implicação de surpresa diante do fato relatado em P - seja essa reação atribuída pelo locutor a si mesmo, seja atribuída ao interlocutor. Neste último caso, o próprio locutor pode contestar a legitimidade da reação, cancelando não a implicação anteriormente feita ou sua atribuição, mas sim a pertinência dessa reação.

Acreditamos, com isto, ter mantido a caracterização de nem como um introdutor de implicaturas convencionais. Esta caracterização, porém, não parece aplicável a todas as ocorrências de nem em enunciados. O exame de um contexto diferente do que vimos até o mo-

mento, certamente nos auxiliará na tarefa de esclarecer este ponto. Vejamos, então,

(6) "O vírus da AIDS não sobrevive no ar. Nem ao calor ou a desinfetantes"³

Não se pode dizer que em casos como esse haja a introdução de implicações devidas à presença de nem, como também não se pode dizer que não seja um substituto eficiente de nem (ou, como prefere Kempson, que, seja com não, seja com nem, não se modificam as condições de verdade dos enunciados). Do mesmo modo, também não se é levado a concluir que nem é uma "partícula sem significado".

Em casos como (6), já analisados no capítulo anterior, o significado de nem é em tudo semelhante ao de também não, ou seja, nem funciona como um operador de adição de sentenças negativas - adição esta que acaba por configurar a exclusão dos elementos encaadeados.

Esse exemplo, contudo, não é capaz de derrubar a análise anterior: apenas mostra que essa análise não se aplica a todos os casos. E tanto não se aplica que não podemos estendê-la para todas as situações vistas no capítulo III, por exemplo. Mas é inegável que a análise em questão apresenta resultados - principalmente para enunciados do tipo que vimos no capítulo I. Resta, então, a tarefa de separar os contextos em que a análise se aplica daqueles em que tal não se dá. Acreditamos que não é por acaso que os casos para os quais a análise se aplica são aqueles em que nem é um operador argumentativo.

Essa análise é bastante sedutora, na medida em que parece ter a virtude de esclarecer ainda mais o funcionamento desse operador, além de ser uma explicação bastante natural para os vários efeitos que encontramos nos enunciados, como decorrência da presença de nem. Mas é justamente onde a análise encontra sua maior virtude,

³ Exemplo recolhido junto ao material publicitário da campanha governamental contra a AIDS, em comercial veiculado pela televisão durante os primeiros meses de 1990.

que encontramos também sua maior fraqueza: na noção de implicatura convencional.

Como sabemos, as implicaturas que se derivam convencionalmente são devidas à estrutura do enunciado. Sendo assim, faz sentido considerar que aquilo que se implica nos enunciados em que nem ocorre são implicaturas de natureza convencional. A adesão a tal ponto de vista, porém, traz problemas mais sérios do que aparentemente traz a discussão que fizemos até aqui.

O primeiro deles diz respeito à própria noção de implicatura convencional, uma vez que tais implicaturas, por definição, não são canceláveis - como, aliás, faz notar a própria autora. Ora, como mostramos, tal implicatura não pode mesmo ser cancelada - pelo menos não totalmente. O grande problema está em saber onde colocar os "efeitos" ou as implicações que os enunciados apresentam devido à presença de nem: sendo fruto da própria estrutura dos enunciados (e principalmente da presença de nem nestes), deveriam ser semânticos, e não pragmáticos - e, sendo definidos contextualmente, na própria relação de interlocução, deveriam ser pragmáticos, e não semânticos.

O segundo diz respeito ao fato de que, como acabamos de ver, esta noção não dá conta de todas as ocorrências de nem - o que, em última análise, nos levaria a crer que existe um nem "semântico" e um nem "pragmático", e - consequência ainda mais séria - que tanto a Semântica quanto a Pragmática não são capazes de explicar convenientemente o funcionamento desse item lexical.

O terceiro problema, a nosso ver, liga-se ao fato de que este conceito não dá conta da noção de escala - que, como vimos ao longo de toda a nossa exposição, é essencial para a compreensão do comportamento de nem. Além disso, a opção pela análise de Fraser e Kempson, por tudo o que acabamos de mostrar, acaba por confundir os limites entre a Semântica e a Pragmática - justamente por ter escolhido mal o seu posto de observação.

Por tudo aquilo que expusemos ao longo deste trabalho, e pelas razões que acabamos de acrescentar é que acreditamos dever considerar nem como um operador argumentativo - malgrado a incompletude de nossa análise.

V - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALI, M.S. (s.d.) Gramática Secundária da Língua Portuguesa, S. Paulo, Melhoramentos.
- ANSCOMBRE, J.C. (1973) "Même le roi de France est sage", Communications, 20.
- ANSCOMBRE, J.C. & DUCROT, O. (1976) "L'argumentation dans la langue", Langages, 42.
- CASTILHO, A.T. & PRETI, D. (orgs) (1986) A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo: vol. I - Elocuções Formais, S. Paulo, T.A. Queiroz, Editor.
- (1987) A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo: vol. II - Diálogos entre Dois Informantes, S. Paulo, T. A. Queiroz, Editor/FAPESP.
- CORNULIER, B. de (1976) "La notion de dérivation délocutive", Revue de Linguistique Romane, Tome 40, nºs 157-158.
- CUNHA, C.F. da & CINTRA, L.F.L. (1985) Nova Gramática do Português Contemporâneo, S. Paulo, Nova Fronteira.
- DUCROT, O. (1972) Dire et ne pas Dire, Paris, Hermann.
- (1973) "Les Echelles Argumentatives", La Preuve et le Dire, Paris, Maison Mame.
- (1977) Princípios de Semântica Lingüística: Dizer/Não Dizer, S. Paulo, Cultrix.
- FRASER, B. (1971) "An analysis of "even" in English", in Fillmore, C.J. & Langendoen, D.T. (eds) Studies in Linguistics and Semantics, Holt, Rinehart & Winston.
- GERALDI, J.W. (1978) Se a Semântica Fosse Também Pragmática... ou para uma Análise Semântica dos Enunciados Condicionais, Dissertação de Mestrado, IEL, Unicamp.
- (1981) "Tópico-Comentário e Orientação Argumentativa", Sobre a Estruturação do Discurso, IEL, Unicamp.
- GRICE, H.P. (1975) "Logic and Conversation", Cole, P & Morgan, J.

- Syntax and Semantics, vol. 3, New York Academic Press.
- GUIMARÃES, E.R.J. (1981) "Algumas considerações sobre a conjunção EMBORA", Português: Estudos Lingüísticos, Uberaba, FIUBE.
- (1987) Texto e Argumentação: um estudo de conjunções do português, Campinas, Pontes.
- ILARI, R. (1984) "Locuções Negativas Polares: Reflexões sobre um Tema de Todo Mundo", Português: Estudos Lingüísticos, Uberaba, FIUBE.
- (1986) Perspectiva Funcional da Frase Portuguesa, Campinas, Ed. da Unicamp.
- ILARI, R. & GERALDI, J.W. (1987) Semântica S. Paulo, Ática.
- KEMPSON, R.M. (1975) Presupposition and the Delimitation of Semantics, Londres, Cambridge University Press.
- MOURIN, L. (1984) "Syntaxe comparée des successeurs latins de NEC/NEQUE", Revue Roumaine de Linguistique, Tome XXIX, nº 3.
- PERINI, M. A. (1985) Para uma Nova Gramática do Português, S. Paulo, Ática.
- PINTO, M.V.A. (1989) Mundo mas Linguagem: uma análise semântica da conjunção mas, Dissertação de mestrado, IEL, Unicamp.
- PRETI, D. & URBANO, H. (orgs) (1988) A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo: vol. III - Entrevistas (Diálogos entre Informante e Documentador), S. Paulo, T.A. Queiroz, Editor/FAPESP.
- SANTOS, L.M. & GERALDI, J.W. (1987) "Nem: Operador Argumentativo", Estudos Lingüísticos: XV Anais de Seminários do GEL, Santos, UniSantos.
- SILVEIRA BUENO, F. da (1958) Gramática Normativa da Língua Portuguesa: Curso Superior, S. Paulo, Saraiva.
- VOGT, C.A. (1977) O Intervalo Semântico, S. Paulo, Ática.
- (1980) Linguagem, Pragmática e Ideologia, S. Paulo, HUCITEC/FUNCAMP.